

— Vêem como é? — disse Lucas — Por isso acredito que quando Ahriman tenta Zoroastro, na verdade não passa de Ahura Mazda disfarçado. Como também acredito que quando a serpente tenta o Homem, no Paraíso, ela não é o demônio, mas Deus — disfarçado, chegando-lhe com seu teste. (Mudou de tom e sorriu:) Vocês já notaram que com a mesma maçã com que Eva descobriu a gravidez, Newton concebeu a gravidade? Isso nos revela que realmente a atração dos corpos está na proporção direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias. Um problemazinho de *físicos*. É de relatividade. (Voltou ao tema:) Vocês também já devem ter notado que no caduceu de Mercúrio há duas serpentes idênticas, antagônicas entre si. E devem se lembrar de que a Moisés Deus teria mandado que levantasse uma serpente metálica no deserto, para salvar seus homens mordidos pelas outras serpentes, chamadas ardentes. E devem ter ouvido também falar dos ofitas, que adoram os ofídios, nos quais vêem o Logos. E isso torna tudo ainda mais curioso, pois nos lembramos de que o Logos, o Verbo, é a mesma Sabedoria, aqui simbolizada pela Ser-pen-te! Aquela mesma, sob cuja instigação, o homem se apoderou da ciência do Bem e do Mal. Não foi, pois, o demônio, mas Deus com seu teste, que se aproximou de Adão.

— Exato — João disse. — Foi, pois, o próprio Verbo quem, depois de formar o homem do barro, lhe sugeriu o roubo da Ciência, a que Adonai lhe proibira o acesso. Aliás o que se vê no mito de Prometeu é bem parecido: fora Prometeu, como você já nos falou, e não o Deus-Pai (Jú-Piter) quem tomou o limo da terra e o moldou com a forma dos deuses. E foi ele mesmo, depois, quem notou que faltava na sua criatura alguma coisa de muito importante.

— Os ovos — disse Marcos, no que os quatro gargalharam, enquanto, cerca de quinhentos anos antes, quatro atores, com o texto do “Prometeu Acorrentado” de Ésquilo, na ponta da língua, entravam em cena pela primeira vez na História. E um deles, disfarçado como O Poder, se voltou e disse ao público: que estavam chegados aos confins da Terra, à região cita, à desolação desértica. E manda Hefesto pensar na ordem

do Pai dos Deuses e prender o celerado Prometeu às rochas do Cáucaso com cadeias indestrutíveis, pois roubara o brilho que era dele, Hefesto, a luz do fogo, útil a todas as artes, dele fazendo presente aos mortais.

— Mas meu Deus do Céu! — exclamou Marcos, erguendo-se agitado. — Esperem: deixem-me dizer devagarinho, se não eu erro: Quet-zal-coa-tl, que significa “Serpente Emplumada”. Lucas: é de se pensar que, de fato, houve um tempo em que a latino-américa se encaixava no sovaco da África. Ou que, pelo menos, um remoto zodíaco era universal. Ou, enfim, que essa serpente também saiu do Inconsciente Coletivo de Jung. Mas bem: o fato é que essa Serpente Emplumada era uma das maiores divindades dos toltecas e, conforme o Popol-Vuh, o livro sagrado lá deles, ela, com o Deus Criador, formaram a terra sobre o mar, povoaram-na de animais e, depois, de homens.

— Essa serpente é o Verbo! — João bramiu.

— Claro — disse Marcos, sorrindo — Ela era o deus da Sabedoria, o Promotor da Civilização, o Protetor da Casta Sacerdotal e foi quem ensinou aos homens, tal como o Prometeu!, o trabalho em metais e a escrita. Bem: diz a lenda tolteca que a Serpente Emplumada, em luta com o Criador, acabou sendo exilada!, como Prometeu, como a Serpente!, isto é: como o nosso Cristo! No entanto, antes, profetizou a própria volta, razão por que, quando Cortez desembarcou no México, foi confundido com ela. Viram? Lá, como aqui, se espera pelo Messias, e o Messias foi a Serpente da Sabedoria!

— Raios! — disse João — tudo isso se encaixa maravilhosamente no que Lucas nos disse!

— OK — Lucas comentou, entusiasmado. — Fique-se, pois, com o fio principal do grande Texto descoberto! Tal e qual João nos disse quando falava no Livro da Sabedoria! Poderemos, pois, agora, dar uma conclusão à narrativa das Escrituras. Olha: disso tudo é que resultou o que Isaías escreve sobre o Servo de Deus — isto é: o povo eleito — assumindo todas as iniquidades humanas e padecendo por elas. Essa me parece uma tentativa de fechar o círculo. Mas foi insuficiente, pois o ato de Adão só poderia ser sanado com a

Morte total do Ser Humano. A idéia do Dilúvio já foi outra tentativa de se apagar da consciência do homem todo o seu "pecado", que ninguém sabe direito o que é. Mas por causa da exceção feita a Noé e seus filhos, o ato perdurou incompensado. Não seria essa a solução. Mas como João lembrou bem, fomos criados à semelhança do Adão Celeste. Logo, o Adão Celeste, Jesus, é a própria imagem da qual todo homem é cópia. Ele contém, portanto, toda a humanidade em si e só ele pode, sozinho, como diz Isaías do Servo, assumir todas as nossas transgressões, adquiridas com a ciência, e ser trucidado em nosso lugar. Só ele, sendo morto, nos absolverá a todos. Devemos, pois, temos de concluir isso, de prendê-lo, torturá-lo, e matá-lo sem piedade nenhuma, *como a uma serpente!*

**27** E, SUBITAMENTE, LUCAS EMPALIDECEU, olhando para o zodíaco. Hesitou, ficou em dúvida, até que disse:

— Mas João! Marcos! Veja, Mateus, o que acabo de descobrir:

Os três o viram mudar novamente de cor, ficar vermelho:

— Eu falava no Cristo assumindo, só ele, toda a responsabilidade do Homem. Como se ele fosse uma . . . síntese. Como se, nele, permanecesse ainda . . . o Adão . . . Pois bem. Prestem atenção nisso: Primeiro: notem: Adão nasce, filho da Virgem Mãe-Terra de todos os povos, a mesma terra, Mãe Virgem de Jesus. Segundo: seguindo-se ao nascimento de Cristo, nós concebemos o seu batismo, enquanto que o fato mais importante que ocorre depois da Criação, nas Escrituras, é o Dilúvio que, conforme já concluimos, foi o Batismo da Humanidade. E, vocês vejam: agora, enquanto nós estamos empenhados em criar um texto para a Tentaçao de Jesus, calcando-a sobre outros mitos solares, com o que damos, nas Escrituras?: com o povo de Israel (considerado Filho Dileto, Primogênito de Deus) *sendo levado ao deserto para ali ser tentado por 40 anos!* Ora: *fatalmente* nós iríamos acabar concluindo que Jesus deveria ficar *quarenta dias* no deserto, je-

juando, para ser tentado, numa mistura do que se deu com Elias, Buda e Moisés!

Lucas se calou por um momento, no êxtase da compreensão, enquanto Mateus sentia o velho judaísmo soçobrando definitivamente e João e Marcos diziam: “Estupendo!”

— Toda a Escritura vem marchando subterraneamente conosco pelo zodíaco e com isso tudo está se amarrando de uma maneira... fa-bu-lo-sa!: e automaticamente! Olhem: o nosso Cristo será maior, será a maior criação do gênero humano, fiquem certos disso, porque nós o estamos engrenando na máquina da Estória de tal modo que ele está resultando, como já disse, num Homem-Síntese! Acreditem-me: todo aquele que aceitar o Cristo, mesmo sem o saber, estará aceitando a Humanidade, o Mundo!

**28** — Bem — ele disse depois, olhando para o relevo dos grossos sanguedutos das costas de suas mãos — Moisés avança no deserto com todo seu povo, sofrendo todo tipo de tentações. Qual o primeiro acontecimento importante que se segue?

— “Qual é?” — perguntou Mateus, de novo atento.

— Sim?

— O episódio do Sinai.

— Exatamente. É quando ele recebe a lei de Deus, no alto da montanha, enquanto seu povo, embaixo, numa farra nunca vista, adora um bezerro de ouro. Podemos observar, no zodíaco, que o signo que se opõe ao de Touro, representado aqui pela imagem do bezerro, é o da Ser?...:pen-te!, como dizem os astrólogos.

— O Logos? — disse João, surpreso.

— O Logos. A Sabedoria. Daí os Mandamentos. De modo que nesse estágio de nossa narrativa, o Cristo deverá também subir a uma montanha, para, de lá, dizer aos homens o seu novo testamento. Josué cumpriu essa etapa de modo quase semelhante ao de Moisés: subiu ao Monte Ebal e ali

copiou em pedra o Decálogo. Mas nós não podemos nos limitar a uma cópia. Temos uma revolução a cumprir. Maior que todas as outras. Porque temos de fazer a Revolução!

## 29 E ESTE É O TEXTO (NÃO APROVEITADO) ACERCA DOS MOMENTOS QUE PRECEDERAM O REVOLUCIONÁRIO SERMÃO DA MONTANHA.

Urinando no irrequieto sanitário do vagão de passageiros, o Cristo viu, pela janela oval, o barranco ziguezaguear em altos e baixos e subir, cobrindo a paisagem de vez. Olhou para baixo. Viu o chão de cascalhos passando a toda velocidade no fundo do vaso sem fundo. Parou de urinar com um arrepio gostoso, sacudiu o pênis e o guardou enquanto a zoadá matraqueava nas rochas. Até que o barranco se afundou brusco janela abaixo e o chão depois voltou para cima, de novo, mas correndo agora com capacetes de soldados, depois com meios soldados e depois com soldados inteiros, ao longo da ferrovia, eles marchando, passando para trás como postes ou paus de cerca — soldados e mais soldados subindo e descendo — às vezes no alto, apenas pares de botas zunindo e luzindo. Centenas de secções de gestos de apenas cinco ou seis fotogramas, um grito de ordenança, um rumor de motocicleta. Acolá um objeto vermelho voava, fazendo agora a mesma curva que o trem — o que obrigou Jesus a se escorar nas paredes vendo o helicóptero se fracionar, saltar, partir-se e recompor-se passando por trás dos tambores, tubos e escadas, mirantes e oleodutos pintados de amarelos e vermelhos e verdes ou azuis, da Petroquímica. A montanha em que ia fazer o sermão deveria surgir em seguida. Jesus voltou-se para a pia. Abriu a torneira e, lavando as mãos, olhou-se no espelho, movendo o rosto para se ver de diversos ângulos. Lembrou-se de uma cena do “Estranho Caminho de São Tiago”, de Buñuel, em que se vira de navalha na mão, diante do espelho, sua mãe

lhe dizendo: “Não, meu filho, você fica tão bem de barba!...”. Sorriu. Reprimiu o riso. Moveu o rosto. As excrescências de seus aparelhos auditivo, olfativo, digestivo e óptico produziam muita harmonia. Enxugou-se no papel-toalha, embolou-o e jogou-o no cesto. Saiu. Seus discípulos, mal o viram aparecer no corredor do vagão, mostraram-lhe a estrada de rodagem pelas janelas do lado oposto ao da privada: milhares de camionetas, automóveis e motos, caminhões e ônibus com placas de todas as partes do país, cruzando a planície em que o Jordão se arrastava, gordo feito jibóia.

— Um taçolinho, mãinha!

O cachorro traspassou ligeiro a coluna de soldados e veio ladrando no encaicho do trem. Quando parou, imediatamente começou a se encolher, sumindo-se em si mesmo, enquanto soldados grandalhões eram atirados para o fundo, como bombas. Jesus recuou a cabeça da janela e perguntou ao menino, abrindo os braços, num falso espanto:

— Tadê o taçolinho?!

Avançava-se. O trem dava solavancos e hesitava, prosseguindo mais devagar. O helicóptero se aproximou, agigantando-se, e o menino o viu vir chegando, crescendo imensamente e desaparecer, no que olhou desentendido para o teto do vagão, o Cristo rindo dele, caminhando em seguida para a plataforma, seguido de seus homens. Dali ele viu o rio que se afastou ostensivamente até bem longe e que, depois, voltando de supetão, deu um bote no trem (a ponte passou) — a locomotiva apitava na curva. Jesus e João, conversando, viram, impressionados, começar a sair, da esquerda para a direita, a montanha enorme, aumentando tanto, formidanda de gente gente subindo a pé, ela enorme, encaroçada, iluminada pelo Sol, contra o fundo escuro do aguaceiro que caía longe, atrás dela, o liame cinzento se emendando às enxurradas — rios — a montanha girando lentamente e crescendo magnífica na volta dos trilhos. Sua base já estava totalmente tomada de capotas, carrocerias, guarda-sóis. O helicóptero reapareceu, aproximando-se dela.

— Ei: olhe Mateus acenando, lá naquele ônibus verde.

Mateus, impaciente, dentro do lotação parado, estirava o pescoço para o cruzamento, acenando. Estavam todos nervosos. Ali, represados, com medo de perderem uma palavra importante. E, mal o trem acabou de passar, dezenas de pneus cantaram na arrancada e a multidão enfamilhada do outro lado dos trilhos se repartiu, puxando os filhos para um lado e outro da estrada. De um caminhão, no meio do povo, desceram mais dois dos discípulos, no que se ouviu um tiro e houve pânico perto deles. Seguiu-se um galope desenfreado que passou pelos dois, levando consigo os gritos zangados de um velho e de um menino, com uma esculhambação de zoadas de latas e de garrafas e trecos soltos — a charrete passou no meio da multidão, derrubando e ferindo gente, os gritos frisados pelos sons viscosos pregados um ao outro, das borra-chas passando na lama, um pneu sibilando freneticamente em girândola. Do outro lado, uma negra romana, dos Voluntários da Paz, tropeçou espantada no meio da correria para pegar um bom local: enroscou-se entre as pernas e braços dos outros e tombou ralando-se de arrasto nos pedregulhos, gritando “By Jove!” e segurou-se num impulso vital às saias de uma mulher que lhe meteu a sacola na cabeça, berrando-lhe “desafasta, espia”. O helicóptero vermelho cruzou a estrada de rodagem e levitou seguindo o aclave, montanha acima. Rodeou-a, inclinado, e voltou, descendo, até que o piloto dentro da ampola de vidro apontou para o trem parado. O cameraman assestou o olho no visor da filmadora sobre o grupo de homens que ia descendo dele. Procurou o líder e sugou-lhe a imagem, que fez crescer para si. “Belo!”, sussurrou. O Cristo falava, quase sem poder andar, arrochado no meio do povo que o queria ver, tocar, ouvir. O piloto falou: “Eu acho melhor quebrar o galho dele”. E logo o aparelho se aproximou do grupo ainda junto à plataforma do trem. João o percebeu e mostrou a Jesus a escada de cordas que lhe era atirada. O Mestre ergueu os dois polegares para o piloto, rindo, segurou-se e foi suspenso. Olhou para baixo, no que subia, e viu seus amigos se afundando. “Atenção, Atenção!” disse uma voz pelo serviço de auto-falantes. “O Messias se aproxima para o Sermão, na escada do helicóptero!”. A banda, no alto da mon-

tanha, começou a tocar e os foguetões a subir e a se reproduzirem e explodirem — a multidão aplaudindo e dançando, o Cristo passando sobre ela, que lhe agitava as bandeiras e lhe erguia as faixas para que ele as lesse, e suspendiam estandartes e os seus retratos ampliadíssimos, alguns distorcidos. Avançando, suspenso, viu moças gritando e chorando histéricas, rapazes berrando coisas, ininteligivelmente. O helicóptero superou o cume e parou sobre ele. Jesus viu o círculo irrequieto do vento dando nos cabelos e nas roupas da multidão abaixo, se aproximando, contida por um forte dispositivo de segurança. Logo depois ele foi visto, em todas as mais de trezentas TVs distribuídas por toda a ladeira, com os braços em vê, entre dezenas de ganchos e hastes e fios, agradecendo a receptividade, vendo o helicóptero se afastar de costas e parar no ar, mais adiante. E foi só quando baixou os braços e a banda silenciou de vez, que a multidão se acomodou, com um grande rumor abafado.

Já com o tema do Salmo 41-1 (“Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre: o Senhor o livrará no dia do mal”), o Cristo, um pouco atrapalhado pelo excesso de cuidado de seus homens, pelo exagero de vento do helicóptero e pelo exagero de flashes, repórteres, técnicos de som e de centenas de rumores sobre milhares de cliques, nheques, tosses, se preparou para falar, o que foi aguardado em toda a ladeira, o que foi acompanhado em todas as TVs. Ele viu, rapidamente, a sudoeste, o Monte Tabor. A leste, o país de Galaad e o lago Tiberíades. A Nordeste, o grande Monte Hermon. Sentiu-se concreto, situado num ponto específico da Terra. Existia, com todo o vigor de seus trinta anos! Concentrou-se e começou a dizer, a voz poderosamente amplificada pelos alto-falantes e refratada de ecos:

— Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia!

Um tenente-coronel, parado numa ravina cor-de-ferrugem, recebeu um chamado pelo rádio e, em seguida, o vale



cheio de gente tremeu com o rugir de uma esquadrilha inteira de mirages que, vindo em rasante, passou roçando sobre os mastros e sobre as faixas, o enorme cartaz implantado na colina em frente, onde se viam, desenhados, metalúrgicos, agricultores e estudantes com grilhões que Ele rompia a machado. Jesus, por trás da algaravia de fios e microfones, de testa franzida viu aqueles belos monstros silenciosos crescerem oscilando, vindo em sua direção a uma velocidade espantosa:

— Vamos prosseguir numa cadência de bem-aventuranças — disse Lucas — Mateus: lembra-se do que está em Isaías: “Consolai, consolai o meu povo”.

E Jesus concentrou-se novamente no discurso, e sua voz falou, gravada, no noticiário do rádio, no dia seguinte:

— Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados!

A esquadrilha luziu ao sol, subindo miúda e em vertical atrás dele, contra o céu escuro, enquanto a multidão aplaudia e jovens vestidos como Jesus, de barbas tingidas da cor da sua e cortadas no seu estilo, formando uma escola de samba, atacaram a batucada.

Lucas se lembrou do Salmo que diz que os mansos herdarão a terra. E Jesus cuspiu um dos fios de cabelo que lhe tinha entrado na boca, duas, três vezes, puxou o fôlego e disse, ouvindo novamente a própria voz, ampliada em todo o vale:

— Bem-aventurados os mansos. . . porque eles herdarão a terra! — no que foi novamente exaltado por ovações, mas não pelos de extrema-esquerda, o que fez Barrabás, belo e vestido de negro, na encosta, contrair os lábios nos dentes.

Lucas, cheio de visões, olhou para a Jerusalém aprisionada e caminhou pelo semicírculo do primeiro degrau do teatro, com as mãos para trás:

— Acho que ele deve, em seguida, repetir aquela ameaça vigorosa de Isaías aos ricos, quando o profeta disse: “Os Servos de Deus comerão, mas vós, os que vos apartais do Senhor, os que preparais uma mesa para a fortuna, padecereis fome. Eis que meus servos beberão, mas vós tereis sede. Eis que os meus servos se alegrarão, mas vós vos envergonhareis”.

O Cristo de Mateus nutou, sério (“a um de seus daimonions”, disse um grego, que observou isso) e gritou firme, com o dedo em riste:

— Bem-aventurados os que têm fome e sede de Justiça, porque eles serão fartos!

— Ué! — disse Lucas no teatro — Cadê o resto?

— Não está bom?

— Ora, Mateus: você, quando não é oito, é oitenta! Vejam como ele deixou o texto de Isaías: sem garras nem presas: Homem!: está na hora da coragem, da clareza, do vigor.

— Mas o que é que você queria que ele dissesse?

A multidão na encosta viu o Jesus de Lucas, moreno, em vez de louro, de olhos verdes, em vez de azuis, jogando o manto vermelho sobre a túnica negra, nos ombros, e berrar, incisivo:

— Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e quando vos separarem e vos injuriarem; e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. Folgai nesse dia e exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas! — e seu rosto cresceu aos golpes, em três cortes abruptos nas TVs, punhos cerrados, olhos furiosos, num esgar inesperado — Mas ai de vós, ricos!, porque já tendes a vossa consolação! — olhou para o outro lado — Ai de vós, os que estais fartos, porque vos lamentareis e chorareis!

João danou os pés no chão e se ergueu com a muleta, indignado, avançando para Lucas:

— Mas isso é ódio! — bramiu — Não passa de um tremendo ódio disfarçado! — enfatizou, enquanto, de novo, os jatos arrombavam o vazio do vale, fazendo-o tremer, tornando a escola de samba furiosamente inútil, apesar do negro parrudo do tambor morder o lábio de baixo e só faltar se acabar no esforço mudo. As tropas se moveram, os soldados dispostos ao longo da ferrovia começaram a descer, os ricos subiram rapidamente os vidros à prova de balas de seus carros e giraram as chaves de ignição e a multidão aplaudia: princi-

palmente os que tinham as roupas e os dentes mais ulcerados. Lucas se justificava, no teatro:

— João: eu fiz apenas uma profecia.

— Mas qual profecia, qual nada: isso é a lei do Talião no seu mais alto requinte! Lucas: Lembre-se: você mesmo já me disse que é preciso ter cuidado: que a sombra também tem a velocidade da luz!

— Mas como faremos justiça, então?

— Isso não tem nada a ver com justiça! Olhe, Lucas. Vocês também. Escutem só o que Sócrates diz, na “República” de Platão e me digam se não é isto a própria reforma de que já falamos tanto!

(o velho barbudo, calvo, baixinho e barrigudo, levantando os olhos claros do chão, disse com voz surpreendentemente bela, enquanto observava meio distraído o sol poente atrás de Atenas:)

— ...se alguém afirma que a justiça consiste em dar a cada um o que lhe é devido, entendendo com isso que se deve dar aos amigos o bem e aos inimigos o mal, não foi sábio quem tal o disse, já que o dano causado a outrem não pode ser justo em caso algum.

— ...

— Deus do céu! — disse Mateus — Ele parecia estar se referindo à lei de Moisés!

— Não é? — disse João. E acrescentou — Nem preciso ir mais longe: que é que dizem os Provérbios, nas Escrituras?: que se o que te odeia tiver fome, dá-lhe pão para comer, e se tiver sede, dá-lhe ~~de~~ beber.

O Cristo de olhos verdes, já injetados de vermelho, gritou:

— Fazei o bem aos que vos odeiam!

Houve confusão e tumulto no vale. O Cristo louro e de olhos cinzas berrou, com ar de alegria nova e louca:

— Ouvistes o que foi dito aos antigos (Mas assim você está descaradamente plagiando Platão, Mateus, e não imagina o impacto que essas idéias irão provocar nos seus conterrâneos!) “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”. Eu porém vos digo: (um “porém” à lei de Moisés?! E a multidão aguar-

dou, tensa, e Marcos, João e Lucas suspenderam a respiração. E Ele disse:) Amai a vossos inimigos!

O povo ficou-se atônito. Um capitão de indústria abriu a porta do carro e olhou em volta, sorrindo satisfeito, vendo a movimentação nervosa da multidão. Jesus Barrabás vociferava:

— Ora, mas ele está mesmo virado da bola!

O Cristo louro franziu o cenho e os trinta e oito microfones à sua frente recolheram a sua voz e a transportaram em crescendo, lá para baixo:

— Bendizei aos que vos maldizem!

Uma velha gordona comentou com voz rouca:

— Mas só mesmo! Vai ser *muito* fácil amar aos que queimam café e jogam o açúcar refinado no rio, para pegar preço, enquanto nós, lá em casa, adoçamos a nossa lavagem com açúcar mascavo e rapadura!

— Fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem!

— Nunca!!! — berrou um velho, não muito embaixo, na ladeira — Eu quero é que o Sinédrio e Pilatos e toda essa corja de filhos de umas putas de romanos todos eles se fodam!

— Tirem esse entreguista daí!

— Calem-se!

— Cale-se o quê, seu fofa!

— Mas olha lá, olha lá! — disseram na multidão e o Cristo olhou também, o que fez com que as câmaras de TV e cinema se voltassem para os arredores, onde galhos desabavam e moitas arriavam: tanques de guerra, que estavam escondidos (embora todo mundo soubesse que eles estavam camuflados ali), inopinadamente fizeram ré. O rádio do exército, recebendo ordens de afrouxar a prontidão, soou de novo, com vozes minúsculas e enérgicas, e os mirages, que se aproximavam mais uma vez, encurvaram-se para os lados e o povo os viu fazendo toda a volta em torno das montanhas e se afastarem definitivamente. O helicóptero pousou e parou a hélice, na encosta. Bandeiras e estandartes eram recolhidos. Vagarosamente, as entidades de classe começaram a se afastar também, abrindo claros no povo, cuja maior parte, entretanto,

ficou. Os apóstolos, querendo ir atrás dos que se afastavam, foram barrados pelo Cristo, que lhes deu a ordem de parar, com a mão aberta. Era preciso ter calma. Já em Platão se lia que muitos são os bacantes, porém poucos os portadores de tirso.

— Mas meu queridíssimo!!! — disse Lucas, entusiasmado, segurando Mateus pelos ombros largos — Você acaba de descobrir o slogan do Evangelho — largou-o — Mas ouçam mesmo: “Amai os vossos inimigos!” João: pode ficar certo de que, agora, o Cristo revolucionará tudo, mesmo!

**30** — Ah! — disse-me um psicanalista, e eu transferi essa experiência da juventude para Lucas — Você sabe se sair de todas as dificuldades, como demonstrou convertendo num peixe a sinuosa que lhe desenhei no cartão. É versátil, maleável e muito ágil. Como um peixe. (E, segurando delicadamente um alfinete pela cabeça, quase que apenas com as matrizes de suas impressões digitais, o doutor apontou com ele os trilhos que eu fizera de duas linhas paralelas. Perguntou-me:) Você fez esses traços que representam os dormentes, de baixo para cima, ou de cima para baixo? (e lhe respondi:) De baixo para cima, como vê — disse o médico — isto comprova que você nunca vai estar satisfeito. Que vai querer sempre ir mais adiante, quaisquer que sejam as conseqüências de seus atos. Ei!: vejam só como eu tinha razão! (ergueu os olhos para fora do círculo iluminado pelo abajur, a uma pequena multidão de estudantes romanos que o cercavam na penumbra, no anfiteatro da universidade) Ele é um introvertido e dos grandes!: Vejam: ele desenhou um envelope fechado daquele retângulo que lhe fiz! (E veio a seguir o golpe mais temido. O alfinete, entre os gigantescos dedos, pousou num pequeno círculo, “que esse rapaz jamais imaginaria ser o seu Ego”, e do qual fizera um sol. E o médico disse, olhando-me num e noutro olho, como se somente agora me conhecesse por completo:) Você vai ser o centro de muitas atrações, rapaz. Mas não de tantas quanto pensa

(e, clínico, elevando a voz e movendo um milímetro apenas o rosto para o anfiteatro, sem tirar os olhos de “dentro” de Lucas:.) Você fez seus raios muito pequenos! (Ao que me voltei assustado para o desenho. Eu que sonhara ser um grande — na medida da necessidade do meu tempo — senti a garganta se inchar e doer, e minhas olheiras serem ainda mais pressionadas.) O médico prosseguia, falando, voltado agora para os estudantes. Lucas retesou todas as circunvoluções, músculos de seu cérebro como que vestido numa camisa de força, porque precisava estourar seus limites. Urrou, gemeu calado, como se quisesse erguer quinhentos quilos de halteres não tendo físico para cem. Foi por isso que quando o médico se voltou para ele, (Isso é fantasia minha) deu com sua complicada expressão impossível de ser analisada. Lucas traçava, com o lápis fazendo um ruído furioso, um risco a partir de seu pequeno círculo no papel e que o excedia e cruzava, cortando, a tábua da mesa. Cravava novos riscos mesa afora, a gagueira fazendo com que ele dissesse E-e-eu tenho de fazer, se não, se não será insuportável! (Foi o que senti) Meu Deus! — repetiu chorando — se não será insuportável! Eu não posso ser tão pequeno! (E traçava novos riscos, a ponta do lápis se torou e ele rasgava o papel com novas linhas e a mesa até às beiras, raios de seu minúsculo sol, do seu pequenino círculo fechado. De seu Ego).

**31** — É, isso está uma beleza, Lucas — disse-lhe Mateus — Mas... creio que significa que devo perder a esperança de me ver *de fato* livre de Roma, não é?

— Ora, Mateus!: e o que é que nós estaríamos fazendo aqui, se o Cristo que estamos concebendo não nos libertasse da Ditadura, do Imperialismo?

— Será possível? Mas... como?

— Olhem: o próprio Isaías diz: Humilharás A Insolência Tumultuosa Dos Estranhos (olhem para a cidade: vejam o tumulto. Olhem para o mundo: vejam o tumulto romano) Humilharás A Insolência Tumultuosa Dos Estranhos, Farás

Com Que Se Vá Murchando *A Descendência* Dos Fortes. . . E O Senhor Dos Exércitos Quebrará Neste Monte A Prisão Do Laço Atado Sobre Todos Os Povos E A Teia Que Urdu Sobre Todas As Nações. Vejam bem: — disse, parando e voltando-se para Marcos e João especialmente — “Farás com que se vá. . . murchando. . . a descendência. . .” Nada de uma reação súbita. Em outras palavras, Mateus: Nós não podemos pegar um leão a unha, como Hércules, Sansão ou Gilgamesh o teriam feito. Sair pregando pelo mundo que o Cristo dizimou as tropas de César ou de Herodes seria uma idiotice completa. Mas nós podemos pegar os filhotes desse leão e fazer dele o que bem entendermos. Com Um Calor Que Abrasa (eu penso que isso é a fé) Farás Com Que Se Vá Murchando *A Descendência* Dos Fortes.

— Mas *como* poderemos fazer isso — Mateus quis saber, angustiado.

— Para isso chamei João, como lhes disse. Porque o primeiro passo para uma remota libertação política seria uma imediata libertação *interior* do homem.

João sorriu:

— Agora compreendi bem aonde é que eu entro! De fato, Mateus. Platão é capaz de nos dar isso. Segundo ele, (logo de saída eu lhe digo), um homem que ama a Sabedoria (que nós queremos fazer incarnar no Cristo) um homem que ama a Sabedoria *não atuará* na política de sua cidade pátria, mas só na de sua cidade interior. Ele chega a supor que exista no céu um modelo dessa. . . república perfeita. . . para quem quiser contemplá-lo e fundar, de acordo com ele, a sua cidade *interior*, não importando que ela exista ou venha a existir em algum lugar. Diz que por ela regulará a sua vida e não quererá saber de nenhuma outra.

Marcos repetiu, deslumbrado:

— Uma cidade. . . no céu! . . .

(Quatro cérebros têm visões).

Pausa.

Lucas voltou a si lentamente. Seguiu com os olhos um trem que se ia, lá em baixo: detalhes: quatro passageiros an-

dando num sentido e sendo levados a toda velocidade, noutro. Siglas. A inclinação da curva. Os fantasmas dos postes passando.

— Acho importante isso — disse com ar grave — Todo aquele que seguisse a doutrina do Cristo, poderia viver na pior das ditaduras, no pior dos imperialismos, mas nunca deixaria de viver, apesar dos grilhões, num estado de verdadeira felicidade. Um estado com “E” maiúsculo, livre. Creio que o meu Cristo poderia dizer, deixem-me ver: “O Reino de Deus não vem com aparência exterior (Platão não dizia que devemos atuar na nossa cidade. . . interior?): “O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: ei-lo aqui, ou ei-lo ali: porque eis que o Reino de Deus está entre vós!”

Mateus, insatisfeito, apontou Lucas:

— E é *essa* a libertação de Roma que o Cristo nos dará?

— Calma. Nós conquistaremos, com o evangelho de João, as classes cultas, já minadas por Sócrates, Platão, pelos estóicos e, aqui, por Filon de Alexandria. Por outro lado, eu, Marcos e você conquistaremos o povo com os primeiros trabalhos de literatura em grego vulgar já feitos. O que ocorrerá então?: vagarosamente (ou nem tanto), a Cracia dos césa-res será substituída pela Cracia do Verbo, da Sabedoria, do Cristo. Todos terão uma avassaladora identidade filosófica disfarçada em religião, pela qual nós os faremos serem capazes de darem as vidas. Dos mais sábios aos mais simples, todos terão uma identidade ideológica que, é claro, não coincidirá muito com a mentalidade reinante.

— Lucas — Mateus insistiu com rancor — você acredita mesmo que se possa conseguir isso. . . com um mito? . . .

Lucas sorriu:

— Já vim preparado para essa pergunta: Eu acredito. Eu acredito, Mateus, porque há precedentes. Veja o que aconteceu com o budismo: acabou, depois de conquistar os humildes, por converter o próprio Imperador Asoka. E o que aconteceu com o zoroastrismo?: converteu Dario II!

— Ora — disse Marcos — melhor ainda é o exemplo de Ptolomeu I: quando se apossou da coroa do Egito, por ser também rei dos gregos, viu-se entre duas correntes de pensa-



mento, o que lhe provocava grandes dificuldades. Que foi que ele fez?: assessorou-se de um sacerdote egípcio, Menethe, e de um sacerdote eleusiano, Timóteo, para fundar uma religião unificadora de seu governo. Juntou o culto de Serápis ao de Zeus e essa... “construção”, feita como a nossa e também por razões obviamente políticas, foi um tremendo sucesso.

**32** E Vi Outro Anjo Voar Pelo Meio Do Céu — escreveu João sob uma imensa sombra, em Patmos, redigindo o “Apocalipse”, com a imagem de Jerusalém destrocada ainda na retina — E Tinha o Evangelho Eterno (...) E Ouvi Uma Voz Do Céu Que Me Dizia: Bem-Aventurados Os Mortos Que Desde Agora Morrem no Senhor.

— Sim, eu escrevo.

Aquela era a etapa equivalente ao sermão, do zodíaco, João se deitou e “viu” o rosto do anjo se aproximando lento em quase toda a grossura do céu, o queixo passando, depois o vão escanhado se formando para o grande pescoço másculo e, sobrevindo-lhe, os colossos dos ombros e todo o resto do corpo arrastando como que um túnel: a organza enorme nas montanhas, encharcando-se nos rios, enroscando-se nos retransmissores de alta tensão, eucaliptos, torres de sinagogas, arranha-céus e, passando, ele dizendo com trovões sem carochos, como os de uma esquadrilha de super-aviões:

— Temei a Deus... e dai-lhe Glória...

João abanou a cabeça, no teatro. Tirou o primeiro cigarro do dia, e ficou falando, sem tirá-lo da boca, olhando para Lucas e batendo as mãos nos bolsos, atrás do isqueiro:

— O que é preciso fazer — disse, com as sobranceiras erguidas — é executar a eliminação *total* das misérias e descontentamentos da vida.

Achou o isqueiro, aproximou-o da ponta do cigarro, triscou o acendedor, triscou-o, triscou-o de novo, tentando:

— Merda — guardou-o — Ninguém tem fogo?

— Só o da juventude — disse Marcos.

— Ainda bem que estou tentando deixar de fumar. Mas, sim: — lembrou-se, guardando também o cigarro — Todo o sofrimento humano se deve justamente a essas disputas que se vê, ao tormento desses desejos de propriedade, mesmo quando vêm disfarçados de coletivismos e outros ismos que me convencem tanto quanto essas atrizes que dizem na TV que eu sou bela bicóse ai iuse lacs. Eles diriam: não, eu sou bom bicóse ai iuse marcs. Ora: Buda dizia que enquanto o homem não vence toda espécie de ambição pessoal, a sua vida é perturbação e o seu fim, tristeza. E divide as ambições em três formas principais: (contou nos dedos) A primeira é o desespero por satisfazer os sentidos. A segunda é a ânsia pela imortalidade pessoal. A terceira é o desejo de prosperidade, mundanismo. Buda dizia que tudo isso deve ser vencido, quer dizer: o homem tem de deixar de viver para si mesmo, para que sua vida possa ser serena e, assim, ele atinja o Nirvana, a mais alta sabedoria.

— Muito bem — disse Lucas — Mas por onde se começa?

— Pela imediata e irrestrita condenação à busca das riquezas.

Segundo ele, Platão dizia que quanto mais pensa em fazer fortuna, menos o homem se lembra da virtude, pois se colocarmos a riqueza e a virtude nos pratos de uma balança, uma sempre sobe à medida em que a outra baixa.

Os alto-falantes estrugiram no vale:

— Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

— Isso! — disse João.

— Eu irei mais longe — disse Lucas. E seu Cristo de olhos verdes bradou:

— Fazei para vós bolsas que não envelheçam: tesouro nos céus, que nunca acabe, aonde nem chega o ladrão e a traça não rói — puxou o fôlego e, sentindo-se tão seguro quanto

um Boeing recolhendo o trem de pouso após a decolagem, Lucas avançou firme — Vendei o que tendes e dai esmolas!

— *Vender* tudo?! — alguém da multidão gritou.

— Mas se o que se quer é uma guerra para se *tomar* tudo!

— Nós queremos é a nacionalização e a socialização das petroquímicas, usinas, indústrias de automóveis, bancos!

— Lucas tem razão — João aprovou — tem-se que ir a dentro, bem fundo. Platão dizia que não existe, talvez, maior impedimento à prática da virtude que a preocupação excessiva com o corpo. E é essa Razão que deve nos interessar. No “Fédon” ele frisa que não é próprio daqueles que procuram a verdade, se dedicarem avidamente aos pretensos prazeres, tais como os de comer e de beber. E isso são palavras reais.

— Mas acredito que aí há um engano, João — disse Marcos — Acho que não é bem o caso de “preocupação excessiva com o corpo”, nem de avidez em comer e beber, mas de evitar que uma minoria o faça à custa da maioria. O povo tem razão quando pergunta sobre quem proverá os pobres, se eles próprios não lutam pelo que têm direito.

— Isso me recorda Jó — Mateus disse — Ele pergunta como você: Quem Prepara Para Os Corvos O Seu Alimento, Quando Os Seus Pintainhos Gritam A Deus E Andam Vagueando Por Não Terem Que Comer?

— E acho que um dos Salmos responde isso — disse Lucas — É Deus Que Dá Aos Animais O Seu Sustento, E Aos Filhos Dos Corvos, Quando Clamam.

Jesus, com o rosto denso de Sol, clamou:

— Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer e pelo que haveis de vestir. — Fez uma pausa —: Não é a vida mais que o mantimento e o corpo mais que o vestido?

O de Lucas avançou com a voz mais firme:

— Considerai os corvos, que nem semeiam nem segam, nem têm despensa, nem celeiro e Deus os alimenta: quanto mais valeis vós do que as aves?

— Lucas: você não acha “corvos” deselegante? E lembra demais a fonte no Salmo e no Livro de Jó.

O Cristo louro disse a sua versão:

— Olhai para as aves do céu, que nem semeiam nem segam. Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam. . . e eu vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles!

— E essa, agora! — rosnou um dos quatro senadores, dando partida no Mercedes — Esse cara está pregando a vagabundagem!: se o povo perder o interesse em adquirir seus trapos e seus restos de comida, que será da Nação?

— Mestre — disse um jovem de ar decidido, pertencente a um grupo de moças e rapazes, dos que tinham ficado — Nós todos queremos conhecer melhor a sua doutrina. Dê-nos a sua teoria, desculpe dizer, econômica. Vender tudo, eu sei, mas. . .

João comentou que o Eclesiástico era taxativo quando dizia que quem põe o seu tesouro nos preceitos do Altíssimo, isso lhe aproveitará mais que o ouro.

— Sim, talvez fosse conveniente frisar essa promessa — esclareceu — O Livro da Sabedoria diz, inclusive: Eu Preferi A Sabedoria Aos Reinos E Aos Tronos, etc, E Todos Os Bens Me Vieram Juntamente Com Ela, E Inúmeras Riquezas Por Suas Mãos.

— Ótimo — disse Lucas — Está ótimo.

— Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas — Jesus proclamou.

Um velhote, de chapéu na mão, disse-lhe:

— É que é que nós pensâ Ah. . . Nós pensa-amos em segui-lo mmmás. . . est-tamos accchando essa ss-sua ref-forma. . . d-d-dez vezes mmmmais dura do que o Decá-álogo. Do que o Decálogo. Mmm-mais dura do que a opressão de um de um di-di-tador. . . Porque nós é que ttere-eemos de ser as nossas os nossos próprios titi-tiranos, Ah?

João sorriu:

— Sócrates dizia que a humanidade repete em coro que a temperança e a justiça são boas, mas penosas e difíceis de praticar e que, em troca, os prazeres do vício e da injustiça são fáceis de conseguir. E, citando Hesíodo, dizia que A Maldade

Pode-se Obter Em Abundância E Sem Trabalho, Pois O Caminho É Fácil E Sua Morada Não Fica Longe. Mas Diante Da Virtude Puseram Os Deuses Afã E Uma Estrada Longa, Difícil E Escarpada.

Disse o Cristo à multidão:

— Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que entram por ela! E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontrem!

A banda arrematou o fraseado e os discípulos puxaram aplausos. Jesus mudou de posição, pensativo. Em silêncio viu a própria sombra se mover fasciculada, na grama. Lucas, que o imaginava nessa atitude, sorriu sonhador:

— Sabe, João: andei lendo o “Fedro” de Platão, também. Achei sublime aquilo que o velho Sócrates diz, quando nos aconselha a sermos generosos não com os ricos, mas com os mais pobres, porque estes, libertos de maiores males, serão também os mais gratos. E veja como isto é soberbo: ele diz que quando estamos comendo em nossas casas, é preferível que não convidemos os amigos, mas sim os mendigos e famintos, pois esses amarão em nós um benfeitor e nos acompanharão, reunindo-se muitas vezes em nossas portas, e se mostrarão contentes, manifestando grande gratidão e orando aos deuses para que nos concedam bens. . .

— Isso é realmente magnífico — disse João.

E Jesus bradou:

— Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar e te seja isso recompensado. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos. E serás bem-aventurado; porque eles não têm comi que te recompensar e recompensado te será na ressurreição dos justos.

— . . .? — e Marcos falou: Só não entendo, Lucas, é como se pode oferecer um jantar se já se deu tudo aos pobres. E como ressurgir nesse reino dos justos, se você já nos disse que o reino dos céus não está aqui, nem ali, mas entre nós.

— Marcos — disse Lucas — Certa vez eu vi uma armadilha de pegar ursos, armada. Aquela bocarra de ferro, ó. E, dentro, estendida entre os dentes, uma teia de aranha.

**33** SIM, MAS VIRANDO-SE PARA AS MURALHAS DA CIDADE, MATEUS SENTIU UM SUSTO AO PERCEBER QUE ELAS PERDIAM DE NOVO A COR NATURAL. De novo estava como que num filme branco-e-preto, com a mesma brusca dor de cabeça. E quando as cores voltaram, viu, ao seu redor, milhares de pessoas subindo ou descendo escadarias, na intensa altercação dos pés nos corpos e nos degraus. Viu a *circunvallatio* construída por Tito, ao redor de Jerusalém, e dezenas de relances trágicos: o de um homem de manto vermelho, de cabeça para baixo, no meio de um duplo salto suicida — o seu e o de seu reflexo de alto a baixo no edifício de vidro do antigo Palácio de Pilatos. O homem deixara o enorme rosto do Imperador Vespasiano recolhendo-se nas chamas, lá em cima. À esquerda, na torre Fasael, viu um homem com os braços despejados e uma pedra caindo a meio caminho da cabeça de um cavaleiro sírio, embaixo. Dentro de Jerusalém, a massa de caos fumegava no meio de uma densa poeira que crescia. . . O sol, atravessando-a com um calor furioso, transformava-a num caldeirão fervente. Era o dia doze de julho de setenta, e o General Tito Flávio dirigiu seus assaltos diretamente contra o Templo de Jerusalém. Mateus ouviu a voz de um sacerdote soando minúscula na cacofonia de milhares de sons: “O Templo é indestrutível! A cidade está sob a proteção do Eterno e não poderá ser tomada!” Viu, sobre o antigo Palácio de Pilatos, o rosto de Vespasiano queimando. “Lutem! Lutem! No último momento Jeová virá em nosso auxílio e salvará o Santuário!”

Vista de cima, a construção da casa de Jeová, feita por Herodes, era imensa, tonelante, grande como o rumor da massa congestionada à sua volta. Inesperadamente, Mateus localizou o sacerdote e quase se desequilibrava ao notá-lo armado. Lucas viu seu amigo nesse instante e compreendeu que, para

ele, apesar de tudo, aquilo ainda era chocante: o sacrifício, então, fora interrompido! Houve um estupor: as catapultas e aríetes surgiram, não se soube como, dentro de Jerusalém e socaram a poderosa parede do Templo! Vinham enormes rodas estalando pesadas, deixando sulcos fundos no asfalto. Os quatro evangelistas viram centenas de aparelhos se aproximarem de fora da cidade, flutuando, e despejarem pontes levadiças que caíram com estrondo nas muralhas. Multidões de soldados, dissolvendo pedaços da cúpula de luz solidificada, corriam de avanço adentro, golpeando ou desintegrando judeus a torto e a direito. Legionários subiam de elevadores, escadas e cordas e eram repelidos com furor. No entanto a maioria surgia dentro da cidade, também ninguém sabia como. E no dia oito de agosto Tito veio a galope, gritando com despeito e ódio: “É impossível demolir esses blocos de cantaria de Herodes! Incendeiem as portas do Templo, já! Vamos! Incendeeeeeiem-nas!” E o pasmo do povo de Israel foi inexcusável quando viu o Templo, a casa de Deus, de fato se incendiando!: chamas subindo gigantescas, em labaredas impossíveis de controlar, das portas até o peristilo! E a guerra suicida que houve a seguir foi quase fulminante para os dois lados. Cada judeu desesperado lutava contra quatro ou cinco falsos romanos projetados do lado de fora dos muros. E o próprio Tito, quando o viram ser atravessado por um bloco do teto como se fosse um fantasma, descobriu-se que também não estava ali, mas no seu campo, totalmente invulnerável. As imagens, portanto, eram terríveis porque frustravam, desvaneciam-se, alucinavam. Marcos viu o general perdendo o controle da situação, passar a galope, atravessando transparente o povo de Jerusalém e gritando: “Imbecis, escutem-me!” E então Mateus, trinta e sete anos antes viu, dali do teatro, que tudo estava mesmo perdido. Não pôde evitar uma garra que se lhe enroscou na garganta, no coração e no escroto — puxando cordões, tendões, tesos como os de um saltério, e que se distenderam sangrando até o chão. E ele gritou por dentro, chorando por dentro, e seus berros no incêndio foram tão inaudíveis para os seus companheiros, quanto os do General que passou, gritando a galope:

— Jerusalééééemmm!

**34** — JESUS! — disse Mateus, enfiando os dedos pelos cabelos, no teatro, assombrando os outros, que se entrelharam preocupados, no que ele pareceu voltar a si de uma visão — Oh, por que Ele não passa a existir. . . de verdade? . . . — e continuou, patético — pensar que eu vivia me repetindo que em breve Deus enviaria o Cordeiro dominador sobre a Terra, como Isaías dizia, para destruir esses desgraçados romanos e . . . quando tenho esse Cordeiro diante de mim. . . ele é o signo de Áries trazendo de volta o sol, com a primavera. . . (sua expressão foi de desalento e de dor). Perdoe-me, Lucas, mas apesar de todo seu esforço eu sinto que caí do sublime para o terra-a-terra. . . Eu me lembro de Isaías dizendo que Deus enviaria o Cordeiro Dominador, dominador porque Áries é domicílio do deus da guerra. . . e que o enviaria da: pedra do deserto. . . e me veio João me dizer que o Febo grego é representado por uma pedra colocada na base pontiaguda de um vértice; e me vem Marcos dizer que Mitra é venerada como uma pedra cônica, de onde emerge uma criança nua. . . porque dizem ter ele nascido de uma pedra, numa gruta, onde os pastores foram adorá-lo; e me vem você, Lucas, me dizer que no santuário de Heliópolis, no templo de Aton, o deus de lá está também representado por uma pedra! E o. . . maldito Isaías (desde criança que me repetem isso!) disse: Deus Assentou Em Sião Uma Pedra Já Provada, Pedra Preciosa De Esquina, Que Está Bem Firme E Fundada. . . e que não é nada mais, nada menos que o nosso Cristo, cópia de tantos e tantos outros — e ia prosseguir a lamentação mas se espantou vendo Lucas se levantar eufórico, mudo, as mãos pregadas uma na outra, meio arcado. Mordia o lábio inferior, sorrindo. E Mateus, João e Marcos o viram cruzar abruptamente os braços, voltar-se para os três, descruzando-os e dizer:

— Meu velho! João, Marcos!!! Nós estamos pisando em trilha seguríssima!: Vejam: os alquimistas não queriam transformar os metais vis em ouro, como estamos tentando fazer com a realidade? Pois olhem: isso agora me deixou muito mais certo do que estou fazendo do que antes. Reparem só:



a primeira etapa do trabalho alquímico é a chamada nigredo, quando a matéria está no estado de massa confusa. Procedem-se, depois, complicados processos de lavagem, solução, separação de elementos e, a seguir, é atingida a segunda etapa, denominada albedo. Surge o princípio feminino. Ou seja: o equivalente à nossa Virgem. Um aquecimento intenso muda o albedo em rubedo. O Sol surge. Temos então o quê?: o Pai! O vermelho e o branco são o Rei e a Rainha, que celebram suas núpcias, um rei e uma rainha, como os pais da Bela Adormecida, de Branca de Neve, de Édipo e de todos os nossos heróis solares: isso quer dizer que o nosso Cristo terá de ser de sangue azul, olhem lá. Bem: Unem-se os opostos, os princípios masculino e feminino e, meus amigos: assim é que, segundo os alquimistas, se obtém a PEDRA!

João, Marcos e Mateus se entreolharam estupefatos, vendo Lucas prosseguir:

— É a pedra filosofal, o elemento indispensável, o elemento insubstituível para a transformação do metal inferior em ouro! E ela surge como uma criança! Como o menino que, segundo Virgílio, trará a Idade de Ouro para nós! E Jung foi ainda mais adiante: percebeu que o processo seguido pelos alquimistas para a obtenção dessa... pedra, corresponde e-xa-ta-mente ao processo que ele descobriu nas profundezas do nosso inconsciente: isto é: ao movimento que conduz o homem ao seu centro psíquico, ao seu Self, ao Si Mesmo, ao Centro da Personalidade Total!

— Ao... Cristo?! — Marcos disse, maravilhado.

Todo o grupo ficou sem ação durante algum tempo, vendo coisas. Finalmente João manquejou para Lucas e lhe estendeu a mão. O cumprimento foi intenso, quente, reconhecido, afetuoso. Mateus também saiu do transe:

— Quer dizer então, Lucas... que... Algo... maior do que nós... que Algo nos está conduzindo a... Ele?

Marcos bramiu:

— Eu *sinto*! Ele, ele está querendo com tanta nitidez se revelar através de nós, que, meu Deus!: eu o estou sentindo!!!

35 — AGORA VEJAM — Lucas bradou, entusiasmado — Cansado, Moisés sentou-se junto a um poço e dormiu. Sabe-se que, como primeiro anúncio da primavera, surgem as Plêiades no céu, as SETE ESTRELAS da casa de Touro, entre as quais a mais bela se chama PLÊION. E diz o Êxodo que o Sacerdote de Midiã tinha SETE FILHAS e que elas vieram tirar água, e encheram as pias para dar de beber ao rebanho de seu pai. E que Moisés se casou com Séfora, cujo verdadeiro nome, conforme o texto massorético da Bíblia, passem: É: PLÊION! E a sombra de uma nuvem passou verde-escura no campo verde-claro: Jacó chegava à terra dos filhos do Oriente, E EIS UM POÇO, pastores parrudos, e três rebanhos de ovelhas tosquiando a paisagem quase vazia entre as árvores. Um menino mamulengo equilibrava-se numa pedra reboliça, rodando-a sob os pés. “Garoto: você por acaso conhece um homem chamado Labão?”. “Coincidência”, disse o menino, apontando para lá, entre as ovelhas, pastores, árvores e lírios, de onde se aproximava, DE ÂNFORA NO OMBRO, aquela de quem disse: “Olha: é Raquel, a filha dele!” Nova sombra. E nova luz. No Vale da Mesopotâmia, junto à cidade de Naor, o servo do velho Abraão procurava uma esposa para o jovem Isaque. E EIS QUE REBECA SAÍA COM O SEU CÂNTARO SOBRE SEU OMBRO. Rebeca — seu nome, segundo o texto massorético é Lébetien, a mesma Leda, futura mãe dos gêmeos Castor e Pólux, como Rebeca o seria de outros dois: Esaú e Jacó (sendo este o que lutou com o Anjo, no Jaboque). E MÂHANGI, na Índia, que estava junto à fonte, recuou ao ver que Ananda, o discípulo de Buda, se aproximava para lhe pedir água. “Mas não posso dar-lhe”, disse-lhe ela, “eu pertenço à classe dos humildes kandas!” Ao que Ananda respondeu: “Orá, minha irmã: Eu não indago da tua casta ou de tua família: eu só te peço um pouco d’água”. E João disse: — Lucas: o que você acha de fazer o Cristo obedecendo ao zodíaco desta maneira mais corrente? Poderíamos também fazê-lo pedir água a uma... a uma samaritana, digamos. — A quem?! — Mateus perguntou, estupefato. — Está vendo? — disse João: — os judeus têm essa tolice de não se

comunicarem com eles. E mais: Mâhangi se converte ao budismo. Por que não fazer o Cristo converter a estrangeira ao... cristianismo? Seria o primeiro passo para uma religião... ecumênica! — Porém Mateus, bruto, grosso e mal acabado, sentiu embrulhar-se-lhe o estômago e se comportou como as velhonas do povo, de seios apojados, ventres enormes como gavetões cheios, emperrados fora do corpo: — Cristo é judeu! — berrou — e para ele, Mateus, ouvir Jesus pronunciando “A” e embolando já o seguinte “mo”... “r”... a uma samaritana! seria uma provação terrível. — Mas isso é que se chama um racismo imbecil! — Marcos grasnou. — Você quer dar uma nacionalidade à Sabedoria agora, é. Porém João não adotou o Sermão da Montanha no seu evangelho. Em compensação, o Cristo pediria água à mulher, o que lhe provocaria um escândalo igual ao de Mâhangi e ao de Mateus. Mas o Mestre não só confirmaria o pedido, como lhe ofereceria, em troca, uma outra água, que seria *viva*. Pois o autor do Eclesiástico, nas Escrituras, imensamente influenciado por Platão, já havia escrito que A SABEDORIA SUSTENTARÁ O QUE ESTÁ BEM FIRMADO NA JUSTIÇA, COM O PÃO DA VIDA E DA INTELIGÊNCIA, E LHE DARÁ A BEBER A ÁGUA QUE DÁ SAÚDE.

— Exatamente essa que ele, agora, oferece à samaritana, junto ao poço — João concluiu. — E meu Cristo dirá também Eu sou o pão da vida, e também Quem come da minha carne e bebe do meu sangue, tem a vida eterna, porque minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente bebido. Porque Jesus é a: Sa-be-doria!

Ao que Mateus foi novamente contra:

— Ora, mas quantas abstrações!: Daqui a pouco essa nossa religião será ininteligível, a não ser pra meia dúzia de intelectuais! Dizer essas coisas ao povo que acredita que seus avós realmente comeram, nhãnhãnhã, o maná, e glut: o engoliram! Mateus — advertiu-o Lucas — Você se esquece que o evangelho de João será justamente para os intelectuais! — Sim, eu sei — Mateus insistiu. — Vá lá que seja. Mas, na minha

opinião, o que o povo precisa é de uma nova distribuição de maná ou coisa que o valha. Você se lembra, Lucas, da multiplicação de pães que Eliseu fez em Gilgal? E Jesus, depois do Sermão, se retirou para um lugar deserto, com o povo a segui-lo, até que os discípulos, chegando-se ao Mestre, lhe disseram que pedisse àquela gente que fosse aos lugares e aldeias em redor, atrás de agasalhos e alimentos. Tudo isso para que ele dissesse — Fazei-os assentar — porque o Antigo Testamento diz que os filhos dos profetas estavam **ASSENTADOS** diante da presença de Eliseu. Jesus olhou para o saltitar de um passarinho que produziu uma série de meios-asteriscos na areia — e que voou, deixando-lhe (na imaginação de Lucas) com um vazio estranho depois do último rastro: lembrava-se do sermão, das reações da massa. Então, enquanto revia todo o seu discurso, Jesus percebeu a Terra ir se preparando para um grande milagre: ficando imóvel, hiperiluminada, entre as distantes e suaves ondulações horizontais — cinzas e róseas — das montanhas, gramíneas partidas pelo pisotear da multidão — tudo esperando (assim viu Lucas) pelo que o seu líder faria em seguida. **Passividade total no povaréu.** De Baal-Salisa veio um homem trazendo vinte pães e espigas e Eliseu lhe disse que desse aquilo de comer para o povo. **PORÉM O SERVO DE ELISEU DISSE: MAS COMO HEI DE PÔR ISTO DIANTE DE CEM HOMENS?** — Cem é pouco — disse Mateus — Vamos aumentar isso. Mil? — disse Lucas. — Mais. Dois mil? Mais: cinco mil! E os discípulos disseram a Jesus: **Não temos senão cinco pães e dois peixes!** No entanto Eliseu mandou distribuir os pães, e todos Comeram e Deixaram Sobejos. — Acho isso parecido com tirar coelhos de uma cartola — comentou Marcos, deplorando. — Não não — disse Lucas — o povo gosta mesmo é dessas coisas. E Tomando Jesus Os Cinco Pães E Dois Peixes, Olhando Para o Céu (“Tá boa a encenação?”) Abençoou-os E Partiu-Os E Deu-Os Aos Seus Discípulos Para Os Porem Diante Da Multidão. E Comeram Todos E Saciaram-Se. E Levantaram, Do Que Lhes SOBEJOU, Doze Cestos De Pedacos.



98

Generalmente, el «sí-mismo» aparece en los sueños en los momentos cruciales de la vida del soñante, crisis en que cambian su actitud básica y toda su forma de vida. El cambio mismo se simboliza muchas veces por la acción de cruzar agua. Centro de la página: un auténtico cruce de río que acompañó a una conmovión importante: George Washington cruzando el río Delaware durante la revolución norteamericana (cuadro de un pintor norteamericano del s. XIX). Izquierda: otro suceso importante que también implica el cruce de agua: primer ataque lanzado contra las costas de Normandía el día D, junio de 1944.

**36** — Lucas — Mateus disse — Você notou que na nossa versão da páscoa fica faltando exatamente a . . . travessia? Certo, o céu se abre, nem me lembrava. Mas o que é que o Cristo faz no Rio Jordão? Marcos sugeriu, rindo: — Nada.

100

João o olhou, gozador: sabia que para ele um milagre poderia ter a coluna vertebral de uma samambaia, ou a beleza frágil dos caules, pecíolos, talos que desembocavam em flores chamadas copos-de-leite, ou numa porção de sóis desenhados por crianças num jardim de infância, como lhe pareciam ser as margaridas, segundo alguns de seus poemas. Olhou para o outro lado e viu Lucas de olhos arregalados, pensativo, enxugando o suor da testa na manga da túnica. “Em que estará pensando ele?”, João se perguntou. E Lucas jamais o diria: aquilo que lhe ocorrera agora o intrigava e, se falasse sobre o que estava pensando, iria causar um entravamento na proceção do plano. É que Jung dizia... citando George Washington e o Delaware... “Mas então...”

— Lucas — Mateus insistiu — Que é que você acha disso?

— Ahn Ah, sim: Mateus: a verdadeira páscoa do Cristo será a sua travessia pela morte, “sem molhar os pés”. Será na sua morte... e ressurreição (como ocorreu com Hércules, Krishna, etc), que repetiremos Josué, Elias, Moisés... Será na sua morte, que se destampará para a vida, que ficará assinalado que na verdade ele era o Messias.

— Ora — disse Mateus — eu acho que não deveríamos jogar fora todo esse acúmulo de sugestões que acabamos de lembrar. E podem surgir outras idéias. Nos salmos, por exemplo, se diz que Deus aplaca o ruído dos mares, que ele domina o ímpeto do mar e que quando suas ondas se levantam ele as faz aquietar... Nós poderíamos... — procurou as palavras, mas antes que as encontrasse, João interferiu:

— Sugestões não faltam: no Eclesiástico, a Sabedoria (que é o nosso Cristo) diz que anda sobre as ondas do mar...

— Mas isso é liiiindo! — Marcos exclamou, “vendo” o Cristo caminhando na superfície das águas.

— Concordo que poderíamos fazer Jesus andar sobre as águas e também aplacar uma tempestade marinha... é claro.

— Lucas, você já leu a “Eneida”, de Virgílio? — Marcos perguntou — Ora, pois lá diz que Enéias viajava pelo mar

e que Juno, com ódio dele, foi à Eólia, à pátria das borrascas, e pediu a Éolo que desencadeasse a fúria dos ventos e destruísse a frota do herói. Imediatamente (viu, Mateus?), o Euro, o Noto e o Áfrico irromperam sobre o mar numa tempestade nunca vista. Até que Netuno (Marcos impostou a voz:) “. . . grandemente comovido, percebe o mar atingido por grande ruído e a procela desencadeada que revolve as profundidades das águas. Levanta, preocupado, sobre a água a plácida cabeça” (e Mateus, João e Lucas “viram” a enorme cabeça plácida, cheia de algas e de limo, derramando água, se erguer imensa e abrir os olhos entre os vagalhões). “Netuno vê a frota de Enéias inteiramente dispersa no mar, os troianos perseguidos pelas ondas e pela chuva torrencial, e chama Euro e Zéfiro.” (a cabeça de dez metros de altura, um monobloco de mármore, abre a boca) e assim fala, em seguida: “Tamanho ousadia vos dá a vossa estirpe? Já vos atreveis, ó ventos, a confundir o céu e a Terra sem minha vênica e a erguer estas massas enormes?” (e Marcos se voltou eufórico para os companheiros, as pupilas e a face brilhantes nos reflexos do sol em seus anéis e na sua veste:) “Assim Netuno falou e, sem demora — o maravilhoso!: aplacou as águas agitadas, afugentando as nuvens aglomeradas e trouxe de volta o Sol!”

E um a um os caças romanos atravessaram os trovões, mergulhando na chuva. Desceram derramando toneladas de bombas no mar já crispado, que começou a explodir em jorros imensos ao longo da esquadra judia, em meio ao maremoto. — Certo — disse Marcos — E aí Netuno levanta, preocupado sobre a água, a plácida cabeça. — Levanta a plácida cabeça. . . ? — E Mateus estalou os dedos: — o Cristo: dormindo!: o mundo se desmantelando ao redor e ele tranqüilamente. . . dormindo!

Na capitania da esquadra, a cara do almirante, que olhava para o alto num binóculo, gritando ordens, se inchou, sangrou e explodiu. O fumaçarão se espalhou ao redor pelos barcos, pela multidão que saltava do porta-aviões “Pesach” em chamas, na loucura do temporal e do combate. Os caças passaram metralhando em rasante sobre os apóstolos que se atira-

ram nos estrados, entre anzóis e redes, com os rostos de borco n'água, tampando os ouvidos. Soldados sobre os destroyers eram vistos sendo truncados a bala — ou descosturados pelas metralhas, enquanto canhões se revezavam contra os aviões que cresciam descendo e se iam subindo, disparando. O mundo se sacudia, oscilante. E Mateus e João, só nesse momento, perceberam que o Cristo dormia!: com a boca aberta, as bilas dos olhos se movendo sob as pálpebras, sonhando. O barco gangorrava para ele e lá fora barcaças fugiam em galopes chatos sobre as ondas, acabando por serem estraçalhadas rangendo numa fúria de pedaços de aços e ossos. E ele dormia! Os aviões novamente atravessaram as nuvens, descendo, e os pilotos viram as vísceras congestionadas do abismo, no qual se atiraram de novo, bombardeando com voracidade, fuzileiros que se inchavam e se erguiam, arrebrandando-se no ar. E veio o clímax: um dos couraçados passava fumegando junto ao grupo de barcos pesqueiros e um soldado viu, entre os pescadores, o já famoso-fabuloso Jesus, dormindo. Gritou, chorando, sendo levantado ao ar, completamente enlouquecido, desintegrando-se no espaço. Mateus deu um berro de horror ao receber o jato de sangue no rosto e no peito. Foi então que estirou as mãozorras molhadas para os joelhos do Cristo e os pressionou. Viu-o erguer a cabeça do travesseiro e olhá-lo surpreso. O velho, afônico no meio do bombardeio e da tempestade, gritou-lhe: “  
!” E os outros, João entre eles, se amontoaram sobre Mateus e também agarraram os pés de Jesus. E se encolheram rapidamente, quando viram avançar nova rajada de balas sobre o mar. Porém conseguiram ouvir o Cristo dizer-lhes, parecendo um pouco desiludido com eles: “  
?”  
E Marcos, no teatro, gargalhou exageradamente: “Não é incrível?” Mateus agarrou-se mais veemente aos joelhos de Jesus, sentindo-lhe os ossos. Não sendo ouvido, virou-se para Marcos, que se encostara no cenário, ainda gargalhando: “E como foi que Netuno fez mesmo?”. “Chamou os ventos e repreendeu-os”. E os discípulos se afastaram quando Jesus se ergueu com dificuldade por causa dos balanços violentos e saiu à chuva, segurando-se nas bordas do barco, nas mãos que seus



apóstolos lhe estendiam do assoalho. E todos o viram, no centro da convulsão das nuvens e da batalha, “reprender o vento e dizer ao mar: Cala-te, aquieta-te! E o vento se aquietou, e houve grande bonança”. Eles então se atiraram aos seus pés e mãos e os pilotos e os fuzileiros se extasiaram com tamanho sumiço da confusão e, como se uma lâmpada fosse brusca-mente acesa na penumbra, um sol repentino brilhou no mar, os aviões luziram nítidos no céu. Logo depois, entretanto, o combate recomeçou — os romanos certos de que tinham recebido ajuda de seus deuses. Mateus, aterrorizado, voltou-se para o Mestre: “Senhor: Faça como Moisés: arrase com nossos inimigos!” Mas viu-lhe os olhos cinzas de novo sonolentos, algumas espinhas na enorme solidão lunar de seu rosto queimado de sol. “Cala-te”, ouviu Jesus dizer-lhe mas sem que, realmente, nada lhe falasse. E viu-lhe, atrás da cabeça, uma auréola como a luz fina e circular que fica na boca de um copo. Cinzas. Talvez arco-íris, nuvens, auroras boreais e austrais, crepúsculos — balões, phantoms, mirages, trovões e raios — talvez tudo não passasse de sonhos, pesadelos da bolha terrestre com seus cinco continentes sem quase nenhum conteúdo ainda. Para tentar quebrar a rosca sem fim, mudar um pouco o mapa da ferrovia dos trens e vagões. E Jesus lhe disse, antes de se recostar de novo e dormir:

— Aquieta-te, Mateus...

**37** AQUIETA-TE MARCOS, AQUIETA-TE LUCAS, AQUIETA-TE JOÃO! (Sim! Aquieta-te, é o que tenho ouvido sempre. Tenho visto tentações e presenças desde pequeno. Imagine que eu use muleta e me chame João. Conto-lhe agora o cerne de minha mágoa. Aquieta-te, parece que estou ouvindo. Conto para completar com proveito a ligação entre os quatro evangelistas e o começo de sua revolta. Sorocaba, Estado de São Paulo, por volta de 47 ou 48, passa a ser a Jerusalém de dois dos meninos deste livro).

Marquinhos entrou na Oficina Mecânica Irmãos Romanos e João (eu), sentadinho no meio da garotada que passeia-

va no carrinho de carregar motores de automóveis — com a muleta no colo, viu o quanto ele era lindo: um garotinho tão lindo que parecia ter o rosto desenhado a lápis de cor. Talvez por isso mesmo, apesar de viver na rua cheia de cortiços e de ser toda ela operária (com exceção dos Rufos, donos da Oficina), tinha manias de grandeza: “Vou ganhar um trenzinho de galalite no meu aniversário”, dizia. E seu Plínio — seco e magro — a boca sempre entupida de pregos e ele sempre arcado sobre sapatos baratos encaixados num pé-de-ferro, lhe dava quando muito um trenzinho de lata comprado no mercado. E Marquinhos disse, quando o carrinho superlotado avançou em sua direção: “Deixa eu brincar também, Sulpício?” Mas o menino dos Rufos disse “Não”, guinou o carrinho para a esquerda e o grupinho (nós todos) se foi pela oficina, dois meninos empurrando e o resto em cima. Rufo manobrava a barra de ferro, que era ao mesmo tempo direção e puxador. Passaram (passamos) pelo caminhão Reo, em cujo queixo estava debruçado um mecânico e de onde era içada uma enorme extração escura, pelo gancho igual ao de um açougueiro, que vinha de uma roldana, lá da viga mestra. Apenas passaram por ele, voltaram (voltamos), João analisando, triste, a cara de Marquinhos que crescia na aproximação, dizendo “Deixa vá, Sulpício: nem que seja uma voltinha só...” “Não!” “Mas não está todo mundo brincando?” “Tá, mas você não brinca”. E Sulpício se inclinou, dobrando em direção à direita. Uma revoada de pardais entrou pelas frestas do telhado. João olhou (eu olhei) as vigas girando como braços de guindastes, lá em cima, os pássaros passando por elas, vazando-as, chilreando às centenas. Ouviu o menino dos Rufos (eu ouvi), quando chegaram novamente perto de Marquinhos, dizer-lhe:

— Você só brinca se deixar todo mundo aqui meter ni você!

“Meter?”, João se perguntou. Havia frases realmente estranhas no mundo. Como aquela que o mecânico Luís certa vez me disse, enquanto lavava porcas e parafusos numa calota quase cheia de gasolina: que a gente Nash, Ford, GMC, nin-

guém tem DODGE ninguém e, por fim, se Morris. “Mas o que é Ford, hein Luís?” eu perguntei.

— Ché, frangote: tu ainda tá muito cru.

---

E João viu Marquinhos se recolher calado, concentrou-se nele pequenino naquela monstruosa oficina, dentro da zoadá inacreditável dos bandos de pássaros. Rufo deu ordem para prosseguir o passeio. Dobraram por trás da carcaça de um V8 sem rodas, amontoado em cima de uns cavaletes, passaram sob o rosto do Imperador, reapareceram falhos nos vidros sujos de um Citroen — Marquinhos (João o viu) surgindo por trás de um pára-brisa estilhaçado. João viu Marquinhos sumir e surgiu na passagem por um Dessoto intensamente martelado por quatro mecânicos; pelo Reo; por uma camioneta Fargo, em que cinco homens colocavam rodas. (Mateus, uma vez, vendo uma calota no chão, com o côncavo pra cima, contou pras crianças que havia antigamente um caravaneiro egípcio que, viajando ao longo do Nilo, sentiu um dia um mau-cheiro e ouviu um som doce, que lhe sugeriu a voz de Neith, a virgem-mãe de Osíris. Mas era o vento passando pelos tendões restantes de um casco vazio, de cágado, voltado para cima. “É assim que o macho mata outro, no duelo pela fêmea: virando-o”, Mateus dissera. E bastou ao caravaneiro copiar o ataúde-alaúde e eis a cítara, o violino, o violoncelo e o violão). Marquinhos viu o carrinho passando lá adiante, angustiado. Pelo menos para mim, pouca coisa havia de igual a andar naquele brinquedo, no mundo: talvez apenas uma: ver o sol correndo como um bólido por trás de um denso eucaliptal, visto de um célere trem. (meu pai trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana). Era aquela maravilha de andar dentro daquele pandemônio de estrondos, zunidos, bombeamentos, marteladas, sibilhões, com as outras crianças. Olhar para cima e assistir à passagem das gigantescas vigas e tesouras virem vindo, navegando lentamente lá no alto, passando para o próprio avesso e se afastarem, com a grandeza e a serenidade das nuvens. Cruzar pelo espetáculo insólito que era o do esforço do homem da máscara de ferro e o da chama de seu maçarico na cicatrização de uma chaga metálica; passar sob o espetáculo miraculoso que era o da ascensão de um Chevrolet Gigante no

elevador hidráulico. Passear pela oficina toda, vendo os automóveis imóveis mas ao mesmo tempo passando uns por entre os outros e era como se o espaço, como se o chão, como se as paredes fossem movediços. E havia o perfume da gasolina azul e o cheiro de esmalte dos sprays que coloriam os carros de vidros tapados de jornais. Caminhões e automóveis lacrados ou totalmente massacrados em desastres, com os faróis pensos fora das órbitas, carrocerias desmanteladas, tambores abertos (com aquela escuridão incrível lá dentro), pneus (que antes estavam cheios como pulmões) e que tinham expirado. Meu Deus: foi pela ânsia de se mover conosco entre os arranques que irrompiam alto e motores que gemiam em acelerações desesperadas que Marquinhos, mofino contra o clarão da porta, disse enfim:

— Eu deixo, Sulpício.

E o carrinho solavancou bruscamente. As crianças desceram dele rindo e levaram Marquinhos para o fundo da oficina, entrando pela porta que havia debaixo do olhar terrível do Imperador. “Mas para quê?”, João se perguntava (eu me perguntei), percebendo apenas que alguma coisa desconhecida mas de muito grave estava sendo armada — e teve (eu tive) um medo religioso, moral, um terror (não sabia de quê) e recuou com a muleta, “andando de afastado”, esquecido de que “se a gente anda de costas, a mãe morre”. Olhava a turminha lá dentro formar-se em círculo em torno de Rufo, que abria os botões e com eles as suas calças em duas, e de Marquinhos, que era despojado das suas pelos outros meninos. No que Marquinhos, róseo, puro e lindo, foi agarrado por Sulpício pelas costas, submetido por movimentos duros e nervosos de um modo que João apenas vira, até então, em cães, na rua, andando em bandos, todos ansiosos por fazer aquilo nas caçadas em que todos atiravam pedras “por ser feio”. E agora todos os meninos fazendo o mesmo tumulto: “Depois é a minha vez, Rufo!” “Não: é a minha!” “É a minha”, “É a minha!”

Já vira tantas máquinas sendo transformadas ali: um carro velho num novo, capotas verdes em azuis, sedans em camionetas — mas nunca vira uma pessoa virando outra

coisa. E ia saindo, olhando, ansioso pelo como e pelo porquê, o para quê, até que ouviu o Sulpício Rufo chamá-lo, depois de largar o Marquinhos: “Venha também meter nele, grego!” João negou com a cabeça, afastando-se. “Ara, deixa de ser bobo, venha!” e João negou de novo. Saí da oficina e, depois, da faixa de sombra para o sol. Sem me apressar. Assustado, mas sem soluçar. No sol. Descalço, cabelos louros e lisos corridos na testa, de suspensórios, calças curtas, carrancudo. Não prestei nem atenção na beleza que era o passa-passa dos paralelepípedos sob os pés. O círculo centrado em Rufo e Marquinhos não perdia a força lacerante na sua cabeça. Intensamente iluminado. Movimentozinhos e Marquinhos-macho sendo trespassado. “Morto-de-algum-modo-não-sei-como”. E morto, entre as baratas da moda, mortas, e os outros enormes insetos mecânicos, motores com as coronárias toradas, que iam ser ressuscitados depois.

Marquinhos, devagar, foi ficando Marcos. E começou a se escanhoar e a se maquiagem e a raspar as pernas, a desenhar as sobrancelhas e os lábios com todas as cores, como se usasse uma constante máscara.

João entrou em casa, pequenino, e não quis olhar a rua nem através das rosas de crochê da cortina feita por sua irmã já moça que, disfarçadamente, olhava para o filho mais velho dos Rufos, que ia chegando num carro novo, de luxo.

**38** MATEUS ARREGALOU OS OLHOS: debaixo das muralhas de Jerusalém, viu a correria, o horror de dois mil judeus sofrendo a perseguição das tropas sírias! Do alto se gritava aos amigos e parentes que estavam embaixo. Os soldados auxiliares de Tito galopavam ou aceleravam os jipes, escolhendo as vítimas de aparências mais rapinas, por supô-las mais ricas. Abutres, que estavam lá na frente, ocupados com os cadáveres no chão, se agitaram espantados. O alvoroço que se lhes sobrevinha era atordoante: os judeus, com os fantasmas dos ossos transparecendo nas carnes, eram agre-

didados a cuteladas por guerreiros que corriam atrás deles, entre dentes, clarins, gritos, taróis, lanças e tiros, num baticum surdo de ferraduras e pisadas, disparadas de jipes, entre berros. Um soldado marcou um ancião de cara mais encovada e nariz mais adunco, esporeou e agitou as rédeas, pendendo a corrida já para o golpe. Ergueu a espada e, no meio do vento, a lâmina zuniu e torou os quatro dedos estirados no ar, justo nas dobradiças. A soldadesca cobriu o populacho sob o espanto dos corvos — e houve um frenético ruge-ruge de ódio e chanha, cabeças, brilhos, medo e elmos, olhos, bicos, cacetadas, chuços, grasnidos, rasgões, pedaços de asas, blasfêmias — cuspos entre as sombras — faces escuras e vísceras vermelhas — e Lucas viu uma velha ser içada no ar, empalada numa longa lança. Sem querer, contraiu o ânus. Viu-a escorregar mais para dentro da haste de bronze, gritando, arrotando entre as costuras, sangrando. Ao vê-la desabar procurando segurar-se em alguma coisa, sentiu por ela a pancada dura no chão e, a seguir, a lança toda melada recuar e sair lisa de seu fundo. Mateus, ao lado de Lucas, presenciou, atônito, o guerreiro abrindo a barriga da velha, usando a espada como se fosse uma peixeira, metendo-lhe as mãos no ventre aberto e vasculhando-lhe o estômago, os intestinos e o esôfago, recolhendo um sangrante punhado de jóias e moedas de ouro que ela, como todos os outros, engolira antes da fuga. Mateus, arrepiado, viu-a estendendo a mão para o saqueador e gritar: “É meeee/”, no que foi degolada.

**39** O FIM SE APROXIMA  
— Vamos! — exclamou Lucas de repente — já estamos no final do zodíaco! : só nos restam os signos de Gêmeos, Câncer e Leão. E este último, observem, é o domicílio do Sol, o doador da vida, e será quando o Cristo, o Leão de Judá, deverá ressuscitar, como Hércules e os outros fizeram, subindo ao céu.

— Inclusive Quetzalcoatl — disse Marcos com dificuldade. — Passou oito dias morto e subiu ao céu, tornando-se a estrela Vênus.

— Como vêem — prosseguiu Lucas — temos com isso a garantia de que o nosso Cristo (que é a Síntese do Homem), aniquilado pela Injustiça do Mundo, terá uma retumbante vitória sobre ela, ressurgindo depois da Morte a que ela o condenou. Morte essa que deverá ocorrer em Câncer, um dos três signos da água, representando, com isso, como que uma nova... Páscoa, como que uma nova... travessia.

João se ergueu:

— Lembro-me de que quando Krishna compreendeu que tinha chegado a hora de abandonar a Terra e voltar ao seio de quem o tinha enviado, separou-se dos discípulos, proibindo-lhes que o seguissem. Transportou-se às margens do Ganges e mergulhou no Rio Sagrado, coisa que, penso, equivale a essa nova: páscoa. Krishna se ajoelhou e, orando, aguardou a morte, sendo nessa mesma posição atingido por uma flecha e pregado a uma árvore. Quando se espalhou a notícia de sua morte, seus discípulos correram para recolher os seus despojos, mas estes já tinham desaparecido, pois ele ressuscitara e subira aos céus.

— Como Hércules — disse Lucas — Pois bem: sepultaremos o Cristo por três dias, como Jonas permaneceu 3 dias no ventre do monstro marinho. Subirá então ao céu, deixando, no entanto, a chave de seu reino, de sua doutrina, a este sujeito que aqui está — foi até o zodíaco e mostrou uma figura bem próxima do signo de Virgem, no lado oriental. Os rostos dos três companheiros se engrenaram num complexo de expressões curiosas diante do velhote barbudo e calvo que ali estava com uma chave na mão.

— Ora, mas é Janus! — Marcos constatou, rindo: é o deus das portas. Aliás, não sei se vocês sabem, mas “porta”, em latim, é “janua”.

— Mas que porta é essa que ele abre? — disse Lucas, provocando-o, como João percebeu.

— A do mar, a da terra e a do céu — e Marcos mordeu o indicador dobrado, procurando se lembrar dos detalhes —

Nos “Fastos” de Ovídio... Janus diz... que tudo que avistamos... céu, nuvens, mar, terra... tudo se fecha e se abre por sua mão. E que, sem ele, que também preside o santuário, a nenhum deus poderemos ter acesso. Ah — fez, voltando-se para Lucas, sentindo-se apanhado. — É por isso que você o quer! Mas o que é que ele está fazendo aí, no planisfério?

— Ele é a estrela janeira, a que abre e lidera o ano. Mas vejam como essa personagem é sugestiva — prosseguiu. — Não acham que poderíamos fazer o Cristo do mesmo modo confiando a tal chave a ele? Vejam — e passou a mão direita pelo círculo de signos. — Todas as doze constelações seguem a estrela Janus, como doze homens seguiram Josué na travessia do Jordão. Reparem aqui, na pedra, que Hórus, “O Sol da Justiça”, o filho da Virgem Neith, vem precedido pela barca de Janus. O nosso “Janus” poderia ter também uma barca... Não é? E seu nome poderia ser, em vez de Janus, Jonas. Ou Bar Jonas, já que existe o outro, no Antigo Testamento. E ele poderia ter também duas caras — acrescentou rindo. — Poderia ser o mais dedicado discípulo, mas, por trás...

— Mas vamos em frente — incentivou — Segundo se crê, o signo de Gêmeos, que no nosso caso são o Cristo e Barrabás (porque todos os mitos solares são gêmeos) têm seu simbolismo nos irmãos Castor e Pólux. Pois bem: Castor era filho do marido de Leda e, portanto, mortal. Já o Pólux, sendo filho de Júpiter, era imortal. Quando Castor foi morto, entretanto, Pólux, em desespero, pediu a Júpiter que desse a imortalidade ao irmão também. Não podendo atender integralmente o pedido, o Pai dos Deuses partilhou a imortalidade entre os dois, de sorte que ambos viviam e morriam alternadamente. Faremos algo semelhante com o Cristo: morrerá para que o irmão viva. Para que todos nós, nesse irmão, sejamos salvos.

— Quer dizer que ele será uma espécie de nosso bode expiatório — disse Mateus.

— Certo! Mas explique a João e Marcos o que vem a ser um bode expiatório — disse Lucas, insinuante.

Mateus se voltou para eles:



— É que segundo o Levítico, do... Antigo Testamento, Deus mandou Arão tomar para expiação do pecado de todo o povo de Israel dois bodes. Um seria degolado para isso, e o outro solto no deserto. Aliás... Lucas: nós poderíamos aproveitar o costume que existe aqui por ocasião da Páscoa: o Procurador solta um preso, ficando essa escolha a critério do povo.

— Mas fale-nos mais sobre esses dois bodes, Mateus. Arão, terminada a cerimônia, não deveria se banhar?

— Mas você pretende degolar o Cristo?

— Tanto faz o tipo de morte que ele venha a ter. O que importa é livrarmos Barrabás, como Castor fez com Pólux. Aliás: o contrário: como Pólux fez com Castor. Nosso “querido” Pilatos, como Arão, se lavará diante do povo, dizendo-se inocente do sangue do justo. Certo?

— “Justo”?! Mas... Lucas! — João disse, batendo a mão espalmada na testa e se movendo veloz — Veja: Platão faz Sócrates, na “República”, discutir com Adimanto sobre se vale ou não a pena ser justo, vê? E Adimanto disserta para o velho de um modo tão brilhante sobre o ponto de vista de que *não* vale, que este se limita a ouvi-lo calado. Mas meu Deus!: aquilo é o julgamento!

**40** ADIMANTO DIZ:  
“Não vejo como ajuizar bem da condição dos dois homens de quem falamos — do Justo e do Injusto — senão considerando-os um à parte do outro, respectivamente no mais alto grau de Justiça, e o outro, no mais alto grau de injustiça. Para que a separação entre eles seja perfeita, nada devemos subtrair à justiça de um, nem à injustiça do outro, mas supô-los perfeitos no gênero de vida que cada um escolheu... Assim, atribuamos ao homem perfeitamente injusto a injustiça perfeita, sem nenhuma mitigação, supondo que cometa os maiores crimes *e firme a reputação de injustiça...*”

Foi então anotado:

(Mateus 27-16:)

“E tinham então um preso *bem conhecido*, chamado Barrabás.”

“Se o injusto der um passo em falso, saiba endireitá-lo. Se algumas de suas injustiças vier a descobrir-se, possa ele *persuadir* os juízes de que é inocente. . . .”

(Mateus 27-20:)

“Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos *persuadiram* a multidão (os “juízes”, no caso) que pedisse Barrabás e matasse a Jesus.”

“Face a face com este personagem que acabamos de imaginar, Adimanto prossegue, “ponhamos agora o Justo, homem generoso e simples que, no dizer de Ésquilo, seja mais cuidadoso de ser bom que de parecê-lo. Vamos supô-lo sem esta aparência, que lhe valeria honras e recompensas, porquanto neste caso, não se saberia se ele era justo por amor à justiça, ou por amor à recompensa dos louvores. Cumpre despojar o Justo de tudo, menos do sentimento de justiça e, para que seja perfeito o contraste com o outro, imaginêmo-lo reputado grandemente injusto *sem nunca cometer injustiça*.”

(Lucas 23-4:)

“E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes e à multidão: *não acho culpa alguma neste homem*.”

“Imaginêmo-lo reputado grandemente injusto sem nunca cometer injustiça. De sorte que seu apego à justiça seja posto à prova da infâmia com todas as suas conseqüências, através de toda a vida e só cessando com a morte. Unicamente assim, quando chegados um e outro ao derradeiro grau, um da justiça e outro da injustiça, poder-se-ia enfim dizer com segurança qual dos dois é o mais feliz. Sendo tais como supus, fácil se torna, ao meu parecer, predizer a sorte que os espera a cada um. Digamo-lo, pois. Se acaso me escapar alguma palavra que te pareça dura, lembra-te de que não sou eu quem fala, mas antes os que preferem a injustiça à justiça. A dar-lhes crédito, o Justo, qual acabamos de figurar, sofrerá açoites e

torturas, ver-se-á carregado de cadeias, e terá os olhos queimados.”

(Lucas 22-63,64:)

“E os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o. E, vendando-lhe os olhos, feriam-no no rosto.”

“Ao cabo de tudo, após ter suportado todos os males, o *JUSTO SERÁ LEVANTADO NUMA CRUZ.*”

Mateus se ergueu lentamente, berrando:

— Nuuuuuma cruz?! Mas essa... isso é... a-vil-tante!!! Você quer — olhou para Lucas e Marcos — Vocês querem... — e gritou, foiceando o ar. — Não! Nunca! Jamais!!!

“ARQUEOLOGIA E CRUCIFIXÃO” — Capítulo 2, de “A Paixão Segundo o Cirurgião”, de Pierre Barbet.

B — Instrumentos de Crucifixação.

1.º — Stipes Crucis: o tronco da cruz, porque “stipes” quer dizer tronco de árvore, estaca e, ainda estaca pontiaguda. Era a esta parte que, primitivamente, se dava o nome de “Cruz” — em grego “stauros”, que não é outra coisa senão uma estaca fixada verticalmente no chão, da mesma forma que “skolop” quer dizer estaca pontiaguda. A prova disso é que “stauros” e “skolop” puderam ser usados um pelo outro e que certos autores puderam empregar o verbo “anaskolopizein” (empalar, espetar um condenado num pau ou ferro agudo pelo ânus, atravessando-lhe as entranhas) para a crucifixação de São Pedro e Jesus”.

“O PODER” — Ei, Hefesto: bate com força esse martelo. Prega Prometeu aos rochedos”.

— Considero excelente a sugestão da “República” — disse-lhes Lucas cauteloso — para não chocar mais do que o necessário, entretanto, poderíamos conceber o suplício de Cristo, não com sentido de empalação, mas no de “xylon didymon”, o pau duplo, como é chamado. Ou, para que fique bem claro: no de “stipes crucis”, o tronco da cruz, com a outra peça móvel, “o patibulum” fixado horizontalmente nela. Assim

o Cristo será levantado, como a serpente de bronze foi levantada por Moisés no deserto. . .

**41** QUARENTA ANOS DEPOIS, Mateus viu! : a implosão balofa na base de colunas que sustentava o Templo se inchar numa almofada de pó e o edifício se afundar inteiro, desintegrando-se num desfiladeiro de tijolos que se despejaram no vazio. Como se acordasse de repente, a Torre Antonia se desimobilizou num susto e também desabocanhou-se ao meio e girou no ar. Mateus fechou os olhos com força, cerca de trinta e sete anos antes, seu estômago se contraiu. Jesus teve de parar (para se ver livre do peso da cruz), no que foi socorrido, Mateus foi socorrido pelos três companheiros. Abriu a boca e vomitou a coalhada que conseguira comer de manhã. Botou em seguida a bÍlis para fora e, durante algum tempo, ficou hirto, a cabeça tremendo, os olhos lacrimando, ele suando frio. Com o ventre contraído ainda, retomou a carga e avançou, deslizando sobre o vômito, revendo sua cidade se fazendo aos pedaços no futuro, o povo de Israel — o Primogênito de Deus — sendo massacrado. Cuspiu uma baba que se estirou longa e fina até o chão, sem querer se romper. Uma dor de cabeça lhe assomou o crânio com uma força de cataclisma e grossa demais para passar nas veias das tÊmporas, tal o bombeio de sangue que parecia petróleo fervente entupido de estopas. Voltou-se para o centro de Jerusalém — os olhos vermelhos — dizendo alguma coisa que, ampliada entre microfones e ecos, a multidão captou em parte: “. . .será á) á) destruída a)a)”. Desceu a geena, onde se queimava o lixo da cidade, ao pé das muralhas, ouvindo a voz de um rapaz gritando lá no teatro, a concha acústica espalhando o som pela cidade: “Para fazer de conta que sou homem?”, ao que uma voz de velho respondeu: “Eu, eu não tolero discutir essas coisas sérias com um. . . andrógino!”. Empurrado ladeira abaixo pelo peso da cruz, o Cristo falseou o pé, escapou do madeiro e caiu se arrastando no lixo. Ouviu

o grito do rapaz: “E nem eu tolero discutir com um velho cretino! Mas, por infelicidade, estamos numa situação tão crítica que na face deste planeta, que está se transformando num lixo, não se encontra nada a não ser aleijões neuróticos iguais a João, doidos-varridos recém-saídos da colônia, iguais a Lucas, andróginos como eu e velhos “heróis”, de ventres folotes e tetas caídas, como você!”. Apanhando de chicote, o Cristo caminhou de novo para o madeiro, ergueu-o e ajoelhou-se debaixo da cruz, suspendendo-a no ombro. “E a *minha* angústia?”, debochava a voz do rapaz, “E o *meu* desespero?: o mundo inteiro fodido e me vem esse bestalhão à beira da cova me gritar aos ouvidos E a minha angústia, e o meu desespero? : Porra, velho! : olha para os parques infantis da puta dessa tua Jerusalém! Olha para aquelas crianças carregando águias romanas de brinquedo, lendo estórias em quadrinhos com heróis romanos!” Cristo olhou para a própria cidade e chorou. Ergueu-se e prosseguiu a caminhada, impregnado com o cheiro enjoativo e doce da imundície, sentindo a boca cheia de chumaços de borboletas murchas, pedaços de sapatos rotos, uma camisinha de vênus enroscada na barba, tampas de lata de cerveja agarradas na roupa, cabelos de boneca, tampinhas de garrafa. Passou pela terra ferida, que aquiacolá se esvaía em fumo. Mendigos buñuelescos e porcos pasolineanos, que refocilavam na sujeira à cata de restos, pararam de comer, entre as chamas de trapos sujos, para ver o Mestre passando. Sem parar de andar, entretanto, ele começava a se sentir cada vez mais leve, iluminado por dentro. Reviu de memória uma florinha que flagrara certa vez justo no momento em que se abria de repente, separando bem as sépalas das pétalas. Sobrevoando na luz, veio vindo uma sombra veloz e ele se sentiu esvanecer. A florinha se confundiu com um sol desenhado num cartão, com os raios curtos, mas que, de repente, começaram a crescer, queimando muito. Os soldados em volta transformaram-se em nuvens de granulações e se moviam como fumaças. Mas a responsabilidade era imensa e o Cristo abraçou-se mais ao madeiro. Sua cruz, no entanto, ia ficando incrivelmente sem peso e era com se tivesse passado a se desmaterializar como vidro entre as quinas de seu diagra-

ma. Fez um esforço mental para reconcretizá-la. Ouviu a voz de alguém e olhou para o centurião de olhos cinzentos e capa escarlate, com o rosto entre os relances do sol — que já era enorme — rebrilhando no elmo e nos peitorais vermelhos, e que tomou um impulso e depois acariciou as costas do Cristo e o lado direito de seu rosto, com as plumas de seu flagelo. Aproximava-se o verdadeiro batismo, no entanto, e sua Mente iria se libertar de novo de todas as peias e amarras do mundo. O centurião tomava impulso e o acariciava mais, e mais... e o Cristo se deixou cair no sono, soltando-se ao chão que se sumiu em meio à sua queda, e ele próprio se sumiu um pouco mais abaixo, ao som da guitarra quebrada, achada por um mendigo espanhol, no lixo, e que cantava:

Ahiiiiiii

Doloresss

blengo blengo blengo blengo

drelerém

blengo blengo blengo

drelerém

Haiaiaiaiaiaiaiaiaiaiaia

Dolores

mi vida

pasión

y muerte-e-ê...

**42**

E ELE PADECE, COMO PROMETEU. \*

“HEFESTO — Pronto. (Prometeu está preso aos rochedos). E não foi vão o trabalho.

O PODER — Bate mais. Aperta. Não abrandes, que ele é capaz de encontrar saída até para o que não tem solução.

HEFESTO — Este braço está preso e não pode soltar-se.

O PODER — Prende este, agora, solidamente, para que Prometeu saiba que, embora engenhoso, tem o espírito mais lento do que Zeus.

HEFESTO — (depois de agrilhoar Prometeu, como o PODER lhe ordenara) — Vêde: ninguém, por isso, me censuraria com justiça.”

---

Correto. Jesus pronto. Com o rosto drenado de covas, lágrimas e hematomas, pendurado na cruz — a pele úmida de supurações, a carne brilhosa, inchada e frouxa, mal costurada à face do crânio, se ergueu assombrando as moscas e ele deu um berro último e definitivo para, em seguida, morto, deixar pender a cabeça, no que voltou a se cobrir de moscas. Um soldado ergueu o chuço, encostou-o no seu peito, escolhendo devagar um vão mole entre as costelas e, encontrando-o, empurrou de vez a força e a lâmina se afundou fofa, funda.

---

“O PODER — Agora, com força, Hefesto!: de uma cunha de aço, espeta-lhe o gume arrogante que lhe trespasse o peito. (. . .) Agora, Prometeu, neste lugar, sê insolente e, depois de roubares o privilégio dos deuses (o fogo que lhes era exclusivo), faz presente dele aos efêmeros. Que alívio os mortais serão capazes de trazer aos teus sofrimentos?”

— Atenção — foi o aviso de João:

“O PODER — Com um falso nome os deuses te chamam Prometeu — ou seja: o que prevê — Deves, pois, de maneira previdente, libertar-te das cadeias forjadas pela arte de Hefesto.”

---

(Lucas 23-35:)

“— Os Príncipes (O PODER) zombavam dele, Cristo, dizendo: aos outros salvou: salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus.”

---

Uma trovoadá bramiu, como um leão soterrado. As armas e armaduras — os olhos entre os ferros dos elmos — se encheram mais uma vez dos brilhos miúdos que de repente se juntaram num só esplendor: as árvores e a cruz, no alto do Gólgota, extasiaram-se apavoradas no clarão. Na colina ao lado uma árvore seca explodiu e se abriu, rachando-se em duas. Apesar disso, segundo Lucas, também os soldados (A FORÇA) O Escarneciam, Chegando-se A Ele E Dizendo: Se Tu És O Rei Dos Judeus, Salva-te A Ti Mesmo!”

**43** — MAS VOCÊS JÁ VIRAM O QUE O SALMO DIZ?: “Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar.”

— Mas por que seria o Cristo traído por um amigo íntimo?

— Ora: por despeito... por dinheiro — disse Lucas — José do Egito não foi vendido por vinte moedas de prata por um de seus doze irmãos?

— Você se lembra do nome dele?

— Judas.

— Ah.

Os olhos de João brilharam:

— O preço de Sócrates foi de trinta moedas de prata!

**44** A FANTÁSTICA MORTE DE JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR, QUE CONOSCO AINDA VIVE E REINA.

Um pássaro negro fez uma curva no vôo e cruzou a cidade, grasnando. O Cristo e os malfeitores arrastavam as cruzes através da multidão apressada, nos arrabaldes de Jerusalém, passando sobre cascas de ovos, pés de patos, ossinhos, ostras abertas, um enxu, esqueletos de peixes. Nos rostos, o espanto louco ante tanta e tão extrema crueldade. Nas mãos dos legionários, as armas, águias romanas, fanfarras. Dois soldados, de motocicletas, abriam caminho ordenando “Arreda, Arreda!”. Passaram todos pela muralha e saíram pelo caminho entre as rochas e as árvores decrepitas, desfilando entre cavalos que defecavam, éguas que mijavam. A procissão aumentava entre as fileiras cerradas de soldados nas motos, em ostentação de Poder e Força, enflorestados de penachos, lanças, estandartes. Ouviam-se relinchos alvos e viam-se cavalos negros — ferraduras, jaezes — príncipes guardados por homens enormes revestidos de aço até nas caras, todos andando cheios de prevenções pelo meio do povo tido como feroz e peri-



goso. Desceram pela Geena, onde o Cristo caiu várias vezes. A colina do Calvário, logo depois, se iluminou e, em seguida, tudo ficou escuro. A multidão parou, sufocada na treva, o mundo um crepitar de ruídos — mas logo os faróis das motos se acenderam — Houve um tétrico estrondo de um raio e a desesperada fuga de ventos, pássaros, feras, o terror das árvores vergadas — trambolhões de galhos, troncos, pedras. A roupa de uma moça se rasgou no seu corpo, deixando-a espantosamente nua, enquanto a cidade se acendia lá embaixo, enorme, lívida num relâmpago tríplice, os panos da moça voando, ela se agachando e se encolhendo para proteger a própria fenda entre as coxas do grupo de homens que imediatamente começou a se destroçar por ela em ponta de faca. Os soldados, com a volta da visão, deram a ordem de prosseguir, prosseguir. “Vamos, cachorros!”. A fileira de motocicletas rugiu novamente e todos subiram, saltando sobre paus e pedras que rolavam, assistindo aos desabamentos, avalanches, pulando sobre côncavos cheios d’água negra, as cruzes aumentando de peso a cada passo, os motociclistas embandeirados gritando “Eia, vamos, raça fodida!”, enquanto os rudes do povo gritavam “Jesus, deixe essa cruz!”, “Invoque ajuda do Senhor teu Pai, o Deus dos Exércitos!”

— Liberta-nos de Roooooommmmaaaa!”

O populacho bramindo, marchando ao seu lado:

— Liberta-nos de Roma! Rá Rá Rá! Liberta-nos de Roma! Rá Rá Rá!

Calaram-se com a negra treva que veio com o vento e os cobriu espessa e quente. Olharam para trás e a viram descendo para a cidade e entrar nela. Depois a luz voltou na ventania e todos continuaram parados, com os olhos trancados, perfurados por dores malucas. Tiveram de se desviar a tempo do reforço de mais motocavalerianos que passaram, precipitando-se vertiginosamente para o fundo funil da perspectiva que ia desembocar no Gólgota, em direção às três vítimas que iam lá, miudinhos, arrastando suas cruzes. Passaram com as capas atabalhoadas, sombras e panos estabanando-se para lá. O povo bramindo:

— Liberta-nos de Romá! Rá Rá Rá! Liberta-nos de Roma!

Logo em seguida, sobre o monte, o pelotão blindado abriu uma clareira e o Cristo foi encaminhado em direção a dois homens que terminavam de cavar um buraco junto de serras, escadas, maças, motores com as coronárias toradas, machados, martelos, faróis fora das órbitas dos carros, automóveis velhos de portas abertas. Cães roíam ossos humanos. Um bando de pardais passou a dez metros do chão, fazendo uma zoada incrível. Vieram dois legionários ao encontro do Cristo e começaram a despojar o Filho de Deus. Tiraram-lhe o manto cor de sangue coagulado — e que ficava vermelho-vinho durante os relâmpagos que riscavam o céu que se tornava cada vez mais movediço, ainda mais inquietante. O mundo começou a respirar com agonia. Soavam marteladas. Um dos ladrões berrou como porco que levasse faca, ao ser alçado na cruz. A multidão o viu: lavado e liso — o pênis branco frouxo e penso recolhendo-se de dor e pudor entre as tiras e frestas de pano de sua sunga. O ritmo se tornou mais forte. As folhas se esfalfavam. Atrás, o outro malfeitor foi erguido. As faces aterradas se voltaram para o Cristo que, entre luzes e rochas e turbulências humanas, com as mãos e os pés além de pregados ainda amarrados por precaução, começou a ser levantado, com a cruz controlada por ganchos e cordas que rangiam no madeirame, o grupo dramático se esforçando, os dorsos e braços lustrosos e sujos — o conjunto como que de bronze — cada movimento se enchendo mais e mais de argamassa. De repente uma das cordas mais podres se torou e, girando-se de frente para baixo, a cruz arriou, entre gritos e recuos, no que o resto dos ganchos e cabos se retesaram. Seguro por um supetão, Jesus abriu os olhos: Salvo!: a um palmo do solo! A operação se repetiu e, por fim, o Jesus, anatômico e parrudo, escarmentado, sangrando e inchado, ficou no alto — de braços abertos, dois homens subindo em escadas encostadas lateralmente na cruz para lhe tirarem os nós e os ganchos. Jesus só então tomou consciência plena da cabeça vivendo no meio de um tormento — mas clara —

porém coroada — mas de espinhos — num poste. Todo o povo ali presente — ou através das emissoras de TV, viu o Jesus, Rei dos Judeus, insultado em três línguas e exposto à fúria de seu pai. Ali estava o Adão Celeste repicado de clarões de flashes, sendo brutalmente castigado por se ter imiscuído — como uma serpente — entre Deus e a crassa ignorância nossa, milhões de anos atrás. Uma jovem histérica viu um anjo que, embora aparentasse ser mais pesado que o ar, flutuava, fazendo ciscarem a poeira e as cinzas do chão com o arfar de suas grandes asas. A loucura se espalhou e foram vistos mais anjos, brancos, esgarçados, sem contornos fixos. Um negro começou a botar ectoplasma pela boca. Mais anjos, feitos de gás e envoltos em gazes foram vistos.

— São fumaaaças! — gritaram os soldados, distribuindo bordoadas a torto e a direito — São fumaaaças, seus estúpidos! Arreda, arreda! Afasta, corno! São as fumaças!

Cada criança erguida nos braços dos pais para ver o Messias, sentiu o impacto de quem visse um pássaro que explodisse no ar. Já começava a se notar o sangue do Mestre se escoando, entre lágrimas e desmaios ao redor, o Cristo lentamente se esverdeando. Da pilastra vertical do velhote crucificado atrás, escorreu merda derretida, que imediatamente se encheu de moscas. E o que se via dos três supliciados, agora, entre zoadas, cheiros e fedores, eram joelhos, tórax e artelhos descarnados — pés e mãos arrombados. O sangue corria lento e grosso da testa, sob o espinheiro duro da cabeça do Messias — e ele não a podia recostar nem pender nem aturdi-la para espantar as moscas, no que se limitou a torcer a boca, fechar e abrir os olhos com força e soprar para os lados e para cima e para baixo, agoniando-se cada vez mais. O seu maxilar inferior, pouco a pouco, foi avançando. Seu olhar se abriu — cheio de névoas, no meio das chagas e hematomas — e ele viu, para lá das árvores, das rochas carregadas de curiosos, do furgão da TV Educativa e de um cartaz da PAX ROMANA, as sombras que começavam a sair agora das covas, grotas, grutas e furnas. Individualizou a visão para o manto longínquo de um mendigo: drapejando: não: era Judas

fugindo para se precipitar e arrebentar as tripas, como está no Atos dos Apóstolos — ou se enforcar — como está nos Evangelhos — como os Quatro o quisessem, ou como *ele o quisesse, através deles*. Um estandarte assinalando o patrocínio do espetáculo na sigla SPQR — o Senado e O Povo Romano — cruzava a multidão, levado por um legionário em sentido contrário ao do vôo de um Boeing 707 que descia em Jerusalém. O céu se escureceu e baixou mais, aproximando-se da Terra. Os pulmões quase estouravam. E Prometeu berrou, de um passado remoto, no Cáucaso:

“— Caia, pois, sobre mim, o ziguezagueante raio de fogo de duas pontas (com que Júpiter quer me castigar por ter dado o fogo aos mortais). Que o éter seja abalado pelo trovão e pelo furor dos ventos selvagens. Que o vendaval sacuda a terra e as suas próprias raízes desde o fundo; Que as ondas do mar confundam os caminhos dos astros celestes; Que ele lance o meu corpo para o negro Tártaro, nos turbilhões inflexíveis da Necessidade, que a morte total ele nunca ma poderá dar!”

A carne de Cristo tremeu, no que bandos de moscas se agitaram por um momento. Ele começava a se encrespar de frio, de tétano e de gangrena. Deus, em forma de tempestade, já vinha de longe, mais imenso, arrastando e arrostando os céus, em plena escuridão: aquela coisa hedionda e branca. Tombavam águas maiores e clarões ao longe, vergastando e vergando, enchendo rios, rugindo, quebrando mastros no mar da Galiléia, rasgando e entumescendo folharéus e troncos, escurecendo o mundo. João se recordou, emocionado, resfolegando, manquejou com a muleta e disse:

— Aos pés do Prometeu ficam a lamentá-lo o tempo todo as oceânides, que não o abandonam. Pelo que conheço de sua língua, Mateus, obteríamos o mesmo efeito se colocássemos pelo menos três “mares de amargura” aos pés da cruz — ou seja — três “Marias”, como seu nome significa. Acredito que com isso absorveríamos melhor o clima trágico de Ésquilo. A Virgem também deve estar ali. Prometeu não clama à sua mãe, que é a Terra?: “Ó mãe venerável, ó Éter, que a todos dás luz, vedes que injustiças eu sofro!”

(João 19-25:)

“E junto da cruz estava sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena.”

— Sim sim sim — disse Lucas, esfregando as mãos — e ah, chegamos, meus amigos — acrescentou, entusiasmado. — É aqui, na cruz, agora, no ápice do drama, que está o momento exato, na minha opinião, para se decidir toda a meta da Salvação! Vamos ver se me explico bem: vejam: Deus expulsou o homem do Paraíso, alegando que ele comera do fruto da árvore da ciência, sabendo agora do bem e do mal. Pois foi: acontece que João me esclareceu muito a respeito das idéias de Platão e eu hoje sei que isso que o Gênesis diz constitui um erro fundamental, que nos têm torturado a consciência de remorsos, infundados já que, segundo João, no capítulo V, das “Leis”, do sábio grego, a injustiça, ou seja: o que aqui se convencionará chamar de pecado, é apresentada como a resultante da ignorância, sendo mais digna de piedade que de cólera.

— É exato — disse João. — O tema socrático por excelência é o de que ninguém comete o mal por gosto. Que o mal é cegueira, nunca um pecado consentido em pleno conhecimento de causa por uma vontade perversa.

— Ora — disse Lucas, feliz. — Isto para mim é a luz absoluta clareando todos os detalhes do comportamento humano! Massacrado, pois, entre os pregos, numa cruz, o Verbo, a Sabedoria, defenderá, perante Deus, o Homem pressionado pelo exército de leis férreas, tanto de fora quanto de dentro, que o atacam ou o assediam sem parar!

---

— Entreguem-me a cidadade!!! — berrou o General Tito — Entreguem-na ou eu a arrasarei!!!

---

“— Em verdade isso não são só palavras”, ou “com efeito, não foi apenas uma ameaça” — assim começa a última frase de Prometeu, referindo-se às profecias feitas por Mercúrio acerca de suas desgraças. Bem — disse Lucas — Sêneca

assim adaptou isso para o seu Hércules prestes a morrer: “Tudo terminou, meu destino se revela; este dia é para mim o último: Lux ista summa est”.

---

E a bomba explodiu de um poderoso caroço de silêncio rebentando-se como a pedra do santo sepulcro

— mas para o Nada.

Ergue-se o halo e o incêndio berra  
sobre o homem transformado em Monstro  
no Apocalipse da Guerra.

---

Então Jesus, como o próprio Sócrates diria, pede, na cruz:

— Pai: perdoa-lhes porque não sabem o que fazem...

E, de repente, o Cristo destroncado, rasgado, gangrenado e podre, gritou, provocando uma última inquietação na gentilha, na família, no exército e na multidão de pássaros e moscas:

— Consummatum est!

---

Ao que Mateus, alegríssimo, comovido, disse no meio dos outros:

— Lucas: esse perdão realmente fecha todo esse imenso círculo, não acha?

— Claro.

— Mas então — disse Marcos, estupefato — Mas então... nós não somos culpados — sorriu, entre feliz e incrédulo. — Mas... ora: nós nos propusemos a exorcizar a Sabedoria para que nos fizesse livres — argumentou. — Se somos livres, somos culpados!

— Sim — disse Lucas. — Mas do que fizemos de agora em diante. E só seremos livres quando nossa vontade coincidir com a de... digamos: de Deus. Que é a única realmente livre. Isso é que será sempre o mais difícil. Se compreendermos o que o Grande Homem quer, esse Deus que vive em nós, passaremos a querer o mesmo que ele, porque o compreenderemos. É um círculo. E seremos livres. A verdade nos libertará.

## O santo sudário

Dentre todos os objetos guardados como relíquias da paixão e morte de Jesus Cristo — espinhos, pregos, fragmentos da "cruz verdadeira" —, nenhum tem despertado maior curiosidade nos católicos que o misterioso "santo sudário de Turim". Trata-se de um pedaço de linho medindo 1,10 metro de largura por 4,36 metros de comprimento, que apresenta uma impressão manchada, cor de ferrugem, do rosto e do corpo de um homem. Há mais de seis séculos ela é venerada por alguns cristãos como sendo o tecido que envolveu Jesus durante sua permanência na sepultura.

Foi somente depois de 1898, entretanto, quando o fotógrafo amador Secondo Pia fotografou o sudário, que os cientistas começaram a levá-lo a sério. E que, ao ser revelado, o negativo mostrou ser um retrato espantosamente detalhado de uma pessoa chicoteada, corada com espinhos e cujos pés estavam furados por pregos. Em outras palavras, o próprio sudário parecia ser o negativo de um corpo humano. A experiência seria repetida com êxito por fotógrafos profissionais, que não tiveram dúvidas: caso não fosse de Jesus, a imagem existente na peça de linho era de uma pessoa crucificada em condições iguais às suas.

**Caminhos históricos** — Nos anos seguintes, visivelmente preocupada com a repercussão dessa comprovação técnica, a Casa de Savóia, fornecedora dos reis da Itália e proprietária do "santo sudário", trançou-o a sete chaves numa capela especial, exibindo-o em público pela última vez no ano de 1933. Pouco depois, todavia, um grupo de cientistas obteve autorização e examinou o sudário de maneira exaustiva. O primeiro cuidado consistiu em restaurar seus caminhos históricos, já que em determinado momento da Idade Média chegaram a existir cerca de trinta "sudários impostores", que também disputavam o privilégio da autenticidade.

As conclusões resultaram um tanto vagas, mas trouxeram alguma luz às investigações. Os Evangelhos fazem referência expressa ao sepultamento de Jesus numa mortalha. Diz São Mateus, 27, 59:

"E José, tomando o corpo, envolveu-o num fino e limpo lençol. E o pôs no seu sepulcro novo, que havia aberto em rocha, e, rodando uma grande pedra para a porta do sepulcro, foi-se". Supõe-se que algum apóstolo ou piedosa mulher deve ter recolhido o sudário após a ressurreição, embora sejam escassas as informações sobre este detalhe.

Descobriu-se que o bispo francês Arculfo venerou-o em Jerusalém no ano 640 e que foi doado à Casa de Savóia por um "dedicadíssimo cruzado". Em 1578, Emanuel Felisberto de Savóia transportou-o da França a Turim, "para abreviar a romaria de São Carlos Borromeu, que desejava venerá-lo". Outros dados afirmam que esse gesto deveu-se mais ao interesse político que à devoção religiosa: teria feito parte do processo de fortalecimento da família de Savóia, que no futuro organizaria a unificação da Itália.

**Humano e divino** — No final de 1973, entretanto, o "santo sudário de Turim" recebeu a mais importante consagração pública de toda a sua história. Num gênero de aparição raro, o papa Paulo VI fez a apresentação de um documentário de 40 minutos a seu respeito na TV europeia, descrevendo-o como "algo verdadeiro, profundo, humano e divino". O episódio cresceu em importância porque a Igreja Católica, ainda que permitisse a veneração do "santo su-



No tecido, uma relíquia de Jesus

dário de Turim", jamais se manifestara oficialmente nesse sentido.

Entre outras coisas, o documentário na televisão lembrou que os cientistas tinham se mostrado intrigados com o fato de a imagem permanecer intata durante tantos séculos, sobrevivendo a incêndios e inundações. Além disso, explicou que uma espécie de "advogado do diabo" havia levantado sem êxito a hipótese de tratar-se de "hábil obra de arte de artista medieval".

Sucedeu, porém, que posteriores exames microscópicos não denunciaram qualquer traço de pintura ou de outro material estranho. E certos detalhes da imagem — restos de sangue derramado e uma identificável distensão na caixa torácica do crucificado — exigiram um grau de conhecimento médico que um artista do século XVI, por exemplo, não teria possibilidades de adquirir.

**Autêntico milagre** — Segundo o documentário, novos aspectos do "santo sudário de Turim" devem surgir das conclusões de uma segunda equipe de cientistas, convocada pouco antes da aparição de Paulo VI na televisão. "Faço parte desse grupo e, particularmente, procurarei confirmar ou desmentir o dado da existência do sangue coagulado", revelou na Itália o perito Judica Cordiglia, professor de medicina legal da Universidade de Milão. Outro especialista examinará o linho, descrito como "uma peça de fibra crua, cerrada e opaca, fabricada em espinha de peixe, originária da Mesopotâmia ou da Síria".

Tecidos semelhantes foram encontrados em Palmira, Dura, Europos e Atíneos, concluindo-se que seriam usuais nos tempos de Jesus. Só o teste do carbono 14, para determinar a idade da peça, não poderá ser realizado, pois queimaria a imagem do sudário. "O que mais me impressiona nessa relíquia cristã é a claridade da impressão", diz um membro da comissão. Os cientistas acreditam que isso se deva ao fenômeno denominado "vaporgraph", produzido pela ação conjunta dos gases do corpo e dos óleos utilizados pelos judeus na preparação dos corpos dos mortos.

Os investigadores sustentam, inclusive, que a imagem pode ter levado séculos para se tornar visível a olho nu — uma hipótese que explicaria por que a mais clara referência histórica sobre o sudário só apareceu no século XVI. Outros lembram a imagem de um homem muito reproduzida numa parede de Hiroxima pela radiatividade da bomba atômica, e pensam num fenômeno semelhante ao corpo transfigurado de Jesus poderia ter produzido a imagem no momento da ressurreição. E concluem que, como a ressurreição não pode ser explicada pela bomba atômica, o fenômeno deve ser interpretado "como autêntico milagre" que os cientistas não podem decifrar.

VEJA 2 DE JANEIRO 1974

**45** Os três viram Marcos relaxar o corpo no primeiro degrau do teatro, fechar os olhos e sorrir, pálido, enxugando o suor com o lenço, no que sua máscara de tintas saía. Mateus sentou-se no segundo degrau e em breve parecia dormir. João se voltou para a cidade, sorrindo. Lucas se aproximou e parou ao seu lado, botando a mão no seu ombro... e deu um longo suspiro. João lhe disse em voz baixa, sem parar de sorrir, negando com a cabeça:

— O povo não acreditará nesse acúmulo de ficções, Lucas. Seria... incrível.

Lucas lhe respondeu, tranqüilo:

— Eu não acho nada incrível, João. A própria realidade sempre me pareceu completamente louca e o que eu vejo é que ela é aceita por todo mundo quase sem discussão —. Sorriu: — Já quando era menino, eu me lembro, eu olhava para as nuvens passando no céu... como velas sem barcos... e elas próprias sendo águas navegando no ar... e isso me provocava quase que um... desajuste. O que mais me impressionava, no entanto, era a completa indiferença por esse fenômeno estu-pendo, que me cercava de todos os lados.

Marcos apartou lá de trás, e os dois se voltaram para ouvi-lo:

— Ora, Lucas: você está dizendo mesmo que a realidade é maluca?

— Eu não estou dizendo, Marcos. Ela *é!* — olhou para os outros — A que conclusão Einstein chegou sobre o Uni-verso?: a de que, apesar de finito, não tem fim! Isso, para mim, está além do irracional. E o que mais? : que a menor distância entre dois pontos é uma linha currrva. E: o pior: que o presente, o passado e o futuro não são mais do que *arrumações* de nosso espírito!

Abriu a mão direita e exibiu a pedrinha escura que havia nela:

— E o que é que Einstein dizia, mais? : que neste grama de matéria temos, encurralados, cerca de vinte e cinco milhões de quilowatts/hora. — olhou firme para João — Acha que isso seria crível se não tivesse havido Alamogordo, Hiroshima,



Nagasaki, as explosões da Índia e da China e da Rússia — as experiências nucleares francesas no atol de Mururoa? Vocês acham *mesmo*?

Sorriu, jogou a pedrinha no ar e a segurou de novo. Caminhou pela ruína do palco de pedra e parou de novo diante da cidade imensa, imersa na névoa luminosa e poluída:

— Olhem só para Jerusalém: pronta para a Revelação. Pronta para o Apocalipse. Na sua memória não existe ainda o Cristo. Mas nós o incluiremos no seu passado como quem insere num filme angustiante uma novidade, uma propaganda subliminar bem otimista. Uma boa nova que destrua tudo aquilo que sempre a oprimiu.

— Isso é impossível, Lucas — disse o velho Mateus com seu vozeirão, sem abrir os olhos.

Lucas se voltou para ele:

★ — Orson Welles botou Nova Iorque em pânico, em 38, radiofonizando “A Guerra dos Mundos”, do H. G. Wells, Mateus. Todo mundo ficou apavorado, pensando que a Terra tinha sido invadida por marcianos, de verdade. E, não sei se você sabe — acrescentou malicioso — mas Conan Doyle se danava porque Sherlock Holmes recebia muito mais cartas do que ele próprio, que o criara! Portanto acho que você deve ir se preparando logo para ver o Cristo muito mais vivo do que você mesmo.

Olhou para Marcos, para os olhos azuis de João:

— Vocês também! — e riu.

0 8 JUL. 1984